

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

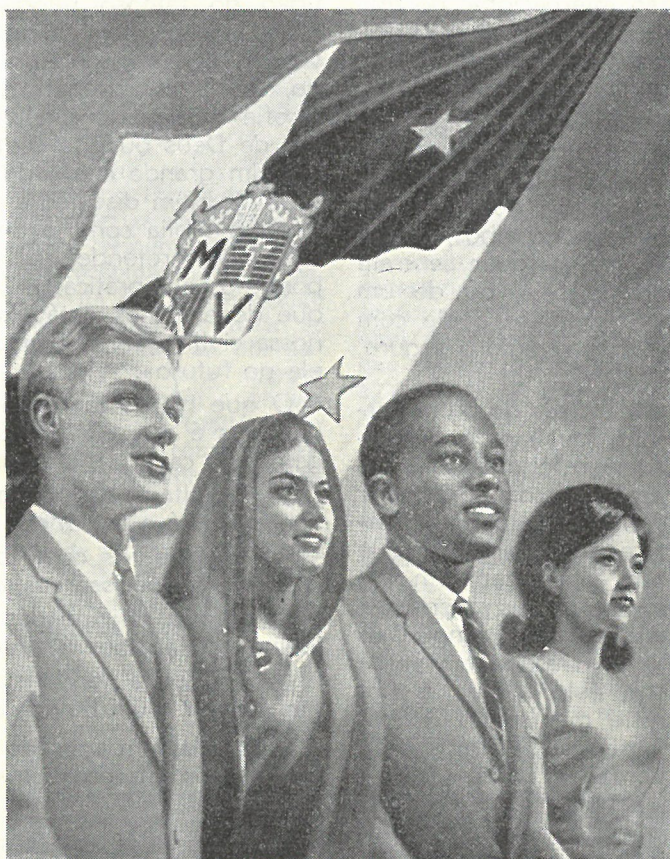
Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 3\$00
ASSINATURA ANUAL 30\$00

Ano X — Número 111

Março de 1972

SEMANA DE ORAÇÃO



DA

JUVENTUDE ADVENTISTA

1972

Semana de Oração dos Jovens

O Instituto da Marinha Americana, que tem a sede em Washington, possui um relógio atômico considerado como o mais preciso que jamais tenha sido inventado. Esse relógio é accionado pelo ritmo natural de um átomo que vibra a uma frequência superior a nove milhões de oscilações por segundo. Esse mecanismo é de uma tal precisão que o relógio em questão não deve variar mais de um segundo no espaço de seis mil anos. Não é, pois, para estranhar que a Conferência Internacional de Pesos e Medidas, reunida em 1967, tenha escolhido esse relógio como padrão internacional de medida do tempo.

É assim que, no mundo inteiro, a hora exacta se calcula sobre esta fabulosa mecânica de precisão. Além da sua utilidade prática, tal instrumento exerce de alguma maneira uma influência unificadora. Todo o especialista que tem necessidade, para os seus trabalhos, de conhecer a hora exacta — quer se trate de um homem de ciência, ou de um professor — pode referir-se a ele com toda a confiança: esse relógio é seguro, jamais varia.

O mesmo se pode dizer de outra força que desempenha igualmente o mesmo papel unificador: referimo-nos à Bíblia. Esse livro jamais cessou de exercer sobre os homens uma influência profunda. Em nossa época perturbada, em que as alianças se fazem e desfazem, em que as fronteiras mudam com as guerras, a custo de enormes efusões de sangue, os homens perdem a sua razão de viver e já não acreditam no futuro. Qual o motivo profundo deste marasmo? Evidentemente, é a consequência trágica do abandono das verdades bíblicas. Já é tempo para que a humanidade perdida reencontre uma sã orientação sob a influência imutável e unificadora da Palavra de Deus; tempo de fazermos as nossas contas à luz dessa Palavra, se queremos conhecer a vida plena a que o Senhor nos destina.

Esta Semana de Oração fornecer-vos-á a ocasião de reencontrar a Deus, de vos apresentardes a Ele sem disfarce e de

ouvir o que Ele tem para vos dizer. Jovens M.V., jovens adventistas, enfrentais as arremetidas ameaçadoras do materialismo, da descrença, da imoralidade, da busca do prazer e do pseudo-intelectualismo. Mas chegou a hora em que outra voz deve fazer-se ouvir: a da Sagrada Escritura. A Semana de Oração foi justamente concebida para permitir que essa voz soe alto e claro.

Num tempo em que tudo vacila — a moral como os ideais — é essencial podermos firmar-nos em valores mais seguros ainda do que a fenomenal exactidão do famoso relógio atômico. Por grandes que sejam as capacidades de invenção e o engenho do espírito humano, ele jamais chegará a forjar uma filosofia que possa rivalizar com a Palavra de Deus ou que pretenda substituí-la. Um grande chefe de estado dizia o seguinte num discurso à nação: «Firmai-vos na Bíblia como a âncora de vossas liberdades; retende os seus preceitos e ponde-os em prática. É à sua influência que devemos os notáveis progressos da nossa civilização. Deixemo-nos guiar por ela no futuro».

O que há de maravilhoso na Palavra de Deus é que ela contém uma mensagem para cada um em particular.

— Revoltai-vos contra a sorte? 'Job vos ensinará a paciência.

— Exaltais-vos com facilidade? Moisés sabe o que isso custa.

— Tendes dificuldade em vos pôr de joelhos? Elias saberá curar-vos.

— Tendes a tendência para vos lamentardes? Ouvi David cantar.

— Tendes um aguçado senso político? Daniel vos oferecerá matéria para reflexão.

— A vossa fé está resfriando? Voltai a ler a epístola aos Hebreus.

— Sofreis de miséria espiritual? Isaías vos reconfortará.

— Perturba-vos a visão das coisas futuras? Trepai a um dos patamares do Apocalipse e espreitai para a Terra Prometida.

Boas Notícias

A Bíblia contém uma colecção de boas notícias e não uma história obscura entremeadada de profecias alarmantes. As palavras «alegria» e «regozijar-se» aparecem frequentemente. Fala-nos de pontes lançadas sobre o intransponível abismo que o pecado provocou entre Deus e os homens e outorga a certeza de que o homem não morrerá obrigatoriamente. Concede asas ao homem para que ele voe sobre as tristezas e decepções, sobre a confusão, sobre as perseguições, que formam um círculo infernal de receios que o atribulam; a Bíblia convida-o a cantar a fé radiosa que o ilumina desde que encontrou o Salvador: «Regozijai-vos sempre no Senhor; outra vez, digo, regozijai-vos.» — Fil. 4:4.

É curioso constatar que, para muitas pessoas, a Bíblia como que leva a uma recusa sistemática das alegrias da existência. Este conceito erróneo remonta provavelmente às impressões recebidas na infância. Habitua-mo-nos a ver na Bíblia um código rigoroso ao qual as pessoas de idade se apegam para restringir todas as liberdades; um código munido de uma ameaça apropriada para cada infracção!... Muitos jovens têm a impressão que a Bíblia é um livro enfadonho, e difícil de compreender. O esforço que a sua leitura subentende repugna-os. E de tal maneira os repugna que passam ao lado de uma força explosiva, de um prodigioso brotar de alegria, sem mesmo desconfiar dessa energia miraculosa. Não daremos a Cristo a glória que Lhe é devida enquanto os grandiosos acordes da vitó-

ria não ressoarem mais alto que os gritos desesperados do sofrimento humano.

Certa vez um jovem disse ao seu pastor que certas expressões habituais da Bíblia, como «Assim diz», «em verdade», «é por isso» e outras, o arrepiavam, fazendo-o olhar para a Bíblia com antipatia. Diga-se de passagem que uma versão moderna, como as que existem hoje, lhe teria servido perfeitamente, mas o seu problema inicial provinha mais da maneira negativa como considerava o Livro Sagrado. Em vez de considerar a Bíblia como uma obra de arte da qual procuramos apreender o valor, olhava para ela como um assunto sobre o qual podia exercer o seu espírito crítico; mal olhava para ela, até a sua capa preta o chocava; as intermináveis genealogias cansavam-no e ele rejeitava totalmente um livro acerca do qual não conhecia praticamente nada, porque se tinha contentado em analisá-lo de uma maneira externa e superficial. A Bíblia é algo de bem diferente: não é um catecismo, nem um manual de doutrina, mas um Livro de Vida, que aborda o tema da vida para assegurar a Vida.

Jesus e a Bíblia

O facto essencial, no que diz respeito à Bíblia, é que ela nos revela Deus na pessoa de Cristo. Sem ela, a nossa ignorância acerca de Deus seria mais ou menos total. Tudo o que sabemos acerca da nossa origem, da vida, da morte, do plano da redenção, e da missão desempenhada por Cristo, nos vem dela e só dela. É certo que a natureza nos fornece alguns indícios sobre certos problemas, mas, sem a Bíblia, saberíamos nós dar-lhes o seu significado completo? Não poderemos fazer coro com Livingstone, quando dizia: «Tudo o que sou, devo-o a Cristo tal como me é revelado na Sua Santa Palavra».

Jesus certamente nunca teve a Bíblia à Sua disposição privada. Era demasiado pobre para poder adquirir uma colecção de manuscritos do Antigo Testamento. Mas aprendeu o que a família lhe ensinou acerca dela. Mais tarde consultava por si mesmo os preciosos rolos na sinagoga, meditando

Sabereis vós tirar partido desta Sema-na de Oração ouvindo Deus falar, deixando-vos tocar pela Sua Palavra? É isso que desejamos ardentemente porque pelo preço de um esforço mínimo, retirareis vantagens incalculáveis e toda a vossa vida será transformada.

Departamento M. V.

demoradamente no que lia, e orando para receber iluminação. Neste sentido o nosso privilégio é imenso: com alguns escudos podemos adquirir o texto integral do Livro Sagrado. Mas um exemplar em si conta infinitamente menos do que o espírito com que o abordamos.

Os preceitos morais que Jesus defendeu, que aplicou escrupulosamente na Sua vida profissional, figuram todos no Antigo Testamento. Jesus familiarizou-se desde muito novo com os textos dos profetas antigos. Ao os perscrutar na sinagoga de Nazaré, ao ler os textos que Lhe diziam respeito, sentiu-Se possuído da convicção de ser o Messias, o próprio Filho de Deus. Temos nós sempre em consideração o facto de a Bíblia ser, na verdade, o fundamento do ministério de Cristo? As suas referências ao Dilúvio, a Salomão, a Moisés, a Sodoma e a Gomorra, a Jonas, à Lei, etc., provam-no suficientemente. Jesus tinha plena consciência de pertencer a esta imensa corrente da história divina. Via-Se ligado a ela, desempenhando a missão que Lhe era atribuída pela Escritura. Essa convicção deu-Lhe a força de alma necessária para enfrentar os Seus sofrimentos, e uma grande indulgência pelos pecados e sofrimentos dos outros. As Suas parábolas inspiravam-se em ideias e factos extraídos do Antigo Testamento.

Interessar-se pela pessoa de Cristo sem se referir às Escrituras conduziria irremediavelmente a um sentimentalismo desprovido de toda a substância religiosa. Para compreendermos a natureza de Cristo e de Sua missão no plano da redenção, devemos aprofundar o mistério da Sua encarnação, meditar na Sua vida e ministério, debruçar-nos sobre a Sua morte e ressurreição, lembrar-nos da Sua ascensão, esforçar-nos por compreender, pelo estudo das Escrituras, em que consiste a Sua obra celeste. Todos estes problemas estão directamente relacionados com a nossa salvação. Aquele que deliberadamente os ignora, fica condenado a desaparecer.

Quando Satanás cita as Escrituras (Mat. 4:1-11), as suas palavras caem por terra e não produzem qualquer efeito. Mas quando Jesus cita por Sua vez as palavras do Livro, surge o milagre, as pessoas crêem e convertem-se; intuitivamente, o povo adivinha uma identidade entre o Mestre e o que Ele prega, entre a Sua vida pessoal e os princípios que se esforça por nos inculcar. «O Santo Livro não contém senão verdades essenciais. Não há nada ali revelado que não nos diga respeito formalmente. Quanto mais o nosso amor por Jesus se aprofundar, melhor reconheceremos na Sua Palavra, a voz de Deus dirigindo-se directa-

mente a nós.» — *Testimonies*, vol. V, pág. 303.

Uma atitude aberta

Da maneira como abordamos a Bíblia depende o proveito que dela tiramos. Este Livro não se pode comparar a outro qualquer. Ele não oferece os seus tesouros a todo aquele que vem. É necessário nele penetrar sem preconceitos, com a atitude aberta, de quem espera obter alguma coisa, e com o espírito do investigador que procura uma aventura nova, quando se prepara para partir em exploração. Sabemos já alguma coisa acerca dos lugares que nos propomos visitar. Mas a realidade revelar-se-á de maneira mais correcta e vívida, com surpresas inesperadas ao longo das etapas. E dá-se o mesmo com aquele que procura na Bíblia a sua inspiração quotidiana. As riquezas do Livro Santo são verdadeiramente ilimitadas.

Não podemos considerar a Bíblia como um manual de doutrina. É certo que aí encontramos muita doutrina, uma doutrina com implicações eternas. Mas o Santo Livro ultrapassa a mera teoria. Contém um fermento vital capaz de fazer ir pelos ares todas as aparências. Da mesma maneira a Bíblia não propõe nenhum sistema filosófico. Contudo apresenta a filosofia mais coerente que jamais existiu. Ela também não é um tratado de psicologia; mas não deixa de nos apresentar uma descrição muito completa do comportamento humano nas suas linhas gerais. Como vedes, a Bíblia não se assemelha a nenhum outro livro. Mas é ao mesmo tempo um conjunto de todos os livros. Quanto à sua significação profunda, essa só se compreende à luz da Pessoa que constitui o tema do Livro: Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo. Poder-se-ia resumir toda a Bíblia numa só imagem: de um lado um abismo sem fundo onde se precipita a um ritmo fantástico uma multidão em delírio; do outro, um Salvador cheio de amor e de misericórdia, que lança uma escada e que convida os perdidos a subir desse inferno onde permanecem como que estagnados pelo desespero, ansiosos de encontrar a Luz, a Vida, o ar puro e a beleza, as alegrias mais deslumbrantes.

Então se o nosso destino é assim posto em jogo, qual vai ser a nossa atitude a respeito deste Livro? Oh, é verdade que lemos por vezes partes dele, e isso por razões que não têm nada de espiritual: uns consultarão alguns capítulos para encontrar um ensinamento de que têm necessidade. Muitos lêem passagens de uma maneira completamente rotineira, no culto quotidiano. O estudante folheará as suas páginas num espírito de

pesquisa, para fazer face às exigências de um programa, porque se precisa de preparar para o exame! Outros enfim lerão a Bíblia porque lhes foi recomendado fazê-lo e porque lhes apresentaram o assunto como um meio de salvação. Ler a Bíblia com esses pretextos, pode ter uma utilidade prática, uma utilidade imediata, mas não produz qualquer bem positivo. Pelo contrário, isso acaba muitas vezes por germinar a indiferença ou o desinteresse.

«Todas as reservas do nosso espírito devem ser utilizadas ao máximo, para compreendermos verdadeiramente as Escrituras. É apenas por meio de um esforço pleno de inteligência, com muita assiduidade e aplicação, que conseguiremos descobrir o infinito que nelas está contido.» — E. G. White, *«The Bible Echo»*, Nov. 20, 1899.

Processos correntes para o estudo da Bíblia

Em primeiro lugar, mencionamos o método que consiste em esperar um resultado após uma série de tentativas. Abre-se a Bíblia, ao acaso, várias vezes, na esperança de encontrar noções particularmente interessantes ou proveitosas; esse método só raramente produz bons resultados.

Por outro lado, podemos ler a Bíblia apenas pelo prazer de a ler, sem termos um objectivo particular, mantendo o espírito aberto a toda a mensagem susceptível de aparecer à medida que avançamos na leitura. E esse método é já bem diferente porque o espírito está alerta, receptivo, e Deus pode falar-nos assim pela Sua Palavra. É um pouco como quando ouvimos música porque gostamos. De tempos a tempos, uma harmonia mais rica ou mais suave faz vibrar alguma coisa dentro de nós e extraímos assim dela emoções novas. O mesmo se passa com o estudo da Bíblia. «Para ser frutífero, este estudo não deve ser feito ocasionalmente, ou de repente. Este sistema de verdades não é apresentado sob esta forma para ser oferecido ao leitor apressado ou indiferente. Muitos tesouros que ela encerra não se manifestam ao que se contenta com um exame superficial. Só é possível descobri-los por meio de uma pesquisa sistemática e de esforços perseverantes. Estas verdades esparsas reunidas de modo a formar um todo devem ser descobertas por etapas, um pouco aqui, um pouco ali». — Id., *«Signs of the Times»*, 19 de Setembro de 1906.

O processo mais frutífero e que negligenciamos muitas vezes consiste em estudar a Bíblia livro por livro. Respeita-se assim a estrutura fundamental do Livro Sa-

grado, a divisão em versículos, já que a divisão em capítulos é puramente artificial. Tomai por exemplo o livro de Job. Ele aborda alguns dos problemas mais cruciantes do espírito humano. A epístola aos Filipenses exprime pelo contrário uma alegria cristã contagiosa. O Evangelho segundo Lucas é de uma grande precisão de reportagem, e descreve de maneira realista certos episódios da vida de Cristo. Cada Livro está possuído do seu carácter peculiar, que nos pasará por alto a menos que seja estudado integralmente.

O estudo por biografias, por personalidades, revela-se também apaixonante. Um ser humano interessa-se sempre vivamente com as reacções do seu semelhante. Assim desfila diante dos nossos olhos um longo cortejo de homens e mulheres da Bíblia na sua grandeza e também na sua miséria: os santos, patriarcas e profetas de barba comprida, verdadeiros «Pais» de nação; os reis, cujo fausto não encobre as faltas, e que esquecem os seus deveres para com Deus quando se lhes depara o rosto sedutor de uma mulher; um Moisés, filho de hebreus pobres, que se tornou príncipe, herdeiro presumptivo do trono de Faraó; um José, jovem triste exilado, que por circunstâncias excepcionais subiu ao posto de governador de um império... Ei-los todos, os falsos e os sinceros, juizes e assassinos, fariseus cheios de arrogância e possuidores de uma lei substituta do coração, rudes pescadores do lago da Galileia, incultos e sem educação, de quem no entanto Jesus fará amigos porque o seu coração é suficientemente grande para que nele habite Deus. Conheceis um só livro de psicologia que nos ofereça uma gama assim tão grande e tão diversa de caracteres tão diferentes?

Mencionemos ainda o estudo que se pode fazer versículo por versículo, susceptível de ter interesse dependendo da maneira como é feito. Sobre esse método, a senhora White dá-nos o conselho seguinte: «Aquele que estuda, tome um versículo e concentre nele o seu espírito a fim de compreender de forma precisa o pensamento que Deus ali colocou para ele. Em seguida, medite nesse pensamento até que ele passe a fazer parte integrante do seu ser. Uma passagem estudada dessa maneira, até que seja claramente compreendida, vale mais do que a leitura dum grande número de capítulos sem um objectivo preciso em vista, que frequentemente não nos leva a nenhuma instrução positiva». — *Educação*, pág. 177.

Há ainda um outro género de exercícios no qual os jovens encontram muito interesse: o exame de um problema preciso, à

luz da Palavra de Deus. Não possui a Bíblia a solução ideal para todas as situações? Não tem ela sempre a resposta às aspirações da alma humana? A Bíblia mostra-nos como devemos orar, como permanecer fiéis às nossas convicções, como descobrir a vontade de Deus no que nos diz respeito, como fazer desaparecer os nossos ressentimentos e o nosso amor próprio, e como nos acomodar às nossas decepções íntimas. É uma mina inesgotável de conselhos para todas as circunstâncias da vida, uma colectânea de afirmações reconfortantes em hora de dor, uma fonte imensa de inspiração na consecução dos nossos deveres diários.

É certo que existem muitos outros métodos para vos familiarizardes com a Bíblia: o estudo de certas palavras em particular; o exame das doutrinas principais; o estudo feito por assunto, etc., etc. Da mesma maneira, há milhares de maneiras de ler o Livro Sagrado: numa descontração total, como se folheia um livro de arte; ou de lápis na mão, com a intenção de tomar apontamentos... Ela presta-se a análises penetrantes, tanto por parte do estudante novato como do sábio saturado de cultura. A Bíblia é o Livro de todo o mundo; está pronta a falar a cada um se tão somente lhe dermos essa oportunidade. Como afirmava um célebre professor: «Mais vale a Bíblia sem toda a cultura, que a cultura sem a Bíblia».

A Bíblia e os Homens de Deus

A impressão dominante que ressal de uma simples leitura da Bíblia é que outrora os homens e as mulheres viviam animados de

um profundo senso da presença de Deus. Por exemplo Isaías, ao entrar no templo, viu-se rodeado de falanges celestes. No comportamento destes homens de Deus, descobrimos uma convicção profunda, maravilhosa, que transparece da sua experiência com Deus. Este sentimento é tão forte, tão presente em toda a sua existência, que é demonstrado na mais banal das suas atitudes. Eram todavia estes homens perfeitos? Relede a vossa Bíblia: haverá uma só fraqueza humana que ela não seja mencionada um bom número de vezes? Estes homens eram pecadores como nós. Mas eles estavam empenhados em servir a Deus de toda a sua alma e nesse serviço punham toda a sua vontade. As suas fraquezas não eram mais que acidentes do percurso; a linha geral de direcção não era sensivelmente afectada. Escapavam eles à lei comum que nos atinge com decepções e sofrimentos? O seu quinhão era o de todos os homens. Mas eles possuíam uma verdade revelada e não afastavam os olhos do alvo maravilhoso em cuja direcção avançavam.

A Bíblia é uma série de experiências vitais feitas por homens que conheceram como nós alegrias, angústias e derrotas, e que beberam até à última gota o cálice das desilusões terrenas. Mas enquanto aguardavam a Cristo encontraram na Sua Palavra viva uma razão de esperar. Esta Palavra foi concebida para tocar nos corações e para responder às mais secretas aspirações da alma. Como disse Wilson: «Quando tiverdes lido a Bíblia, sabereis que ela é a Palavra de Deus, porque ela vos terá fornecido a chave do vosso próprio coração, mostrado o vosso dever e indicado o caminho da felicidade».

DOMINGO

Resolver Viver

A comparação entre a história de Saúl, filho de Kis, rei de Israel e a de Saulo de Tarso, o apóstolo dos Gentios, dá uma ideia precisa da importância das decisões em toda a vida cristã. Ambos foram intimados a tomar uma resolução e ambos decidiram conforme julgaram ser o melhor; contudo, tomaram direcções opostas.

Saúl, filho de Kis

Saúl pertencia à tribo de Benjamin. Quando o povo cansou o profeta Samuel com as suas recriminações para que lhe desse um rei, o velho profeta, de acordo com as indicações divinas, dirigiu-se a Gibeá

para se encontrar secretamente com Saúl, o mais belo, o mais alto, o mais forte e o mais valente de todos os filhos de Israel. Reconheciam-lhe uma grande inteligência. De resto, as suas investidas belicosas tinham-lhe grangeado não só a consideração e o afecto do povo, como também o respeito dos povos inimigos. Seria possível escolher alguém melhor do que ele para o novo cargo de rei?

Saúl, cheio de deferência pelas recomendações do velho profeta, esperou em silêncio, como lhe tinha sido pedido, que o apelo para se tornar rei lhe chegasse, oficialmente, isto é, pela vontade de Deus, expressa, abertamente, perante o povo. A partir de então, o Espírito de Deus repousou sobre aquele jovem que tinha sido escolhido; o seu futuro abria-se repleto de promessas.

Antes de haver sido reconhecida, oficialmente, a sua realeza, o novo rei dedicou-se, de alma e coração à defesa de Israel contra os ataques das tribos dos Filisteus. A sua grande vitória sobre os Amonitas foi saudada como uma façanha. Saúl, rei, pela graça de Deus, foi, finalmente, sancionado no seu cargo por uma consulta a todo o Israel.

Foi, então, submetido a uma primeira prova que o levou a realizar uma acção imprudente e irreflectida. Saúl e os seus homens tinham subido a Micmas para manterem em respeito o exército dos Filisteus que ameaçava Israel — o exército que a narrativa bíblica qualifica de «inumerável», que contava 1000 carros e 6000 cavaleiros, o bastante para encher de terror um povo de pastores que não dispunha de nenhuma arma. Tendo pesado os riscos de um recontro, em tais condições, os homens de Israel, «apertados esconderam-se pelas cavernas, e pelos espinhais, e pelos penhascos, e pelas fortificações, e pelas covas»... e até nas cisternas.

Convocado por Saúl para Gilgal, todo o povo tremia de medo. Samuel tinha prometido comparecer para oferecer o holocausto e os sacrifícios de acções de graças antes do ataque. Já havia sete dias que o esperavam... Mas o profeta não chegava! O prazo de espera que ele próprio fixara, chegava ao fim. Saúl não estava para mais demoras e, por isso, resolveu agir por si mesmo, e demonstrar, assim, que a autoridade real não é uma palavra vã. Isso levou-o a tomar a primeira de toda uma série de decisões infelizes que o deviam levar ao desastre: uma vez, decididamente, que a ausência de Samuel se prolongava, ele, o rei, tomava a iniciativa de oferecer os sacrifícios... A lei proibía isso, formalmente. Saúl bem o sabia, mas não fez caso.

Acabava ele de oferecer o holocausto, quando Samuel chegou. O profeta repreendeu, duramente, a presunção do rei e avisou-o das consequências que lhe adviriam por uma tal transgressão tão manifesta.

A segunda prova surgiu alguns anos mais tarde, quando Saúl, por ordem de Deus, atacou os Amalequitas. Naquela época, a alma do rei deixara de ser pura. Deus tinha prometido a vitória a Israel mas ordenara, formalmente, que fosse destruído tudo quanto pertencia a Amaleque, isto é, tudo o que fosse vivo devia ser passado ao fio da espada. Não se deviam recolher nenhuns despojos do inimigo. Saúl julgou que esta última cláusula era inoportuna. Aplicar tal princípio, seria correr o risco de ver o exército sublevado e isso não lhe convinha, de modo algum. Resolveu adoptar um compromisso. Massacrava todo o povo inimigo, sem dúvida, mas poupava o rei para exibir como um troféu, numa marcha triunfal. Quanto ao gado, tudo aquilo que fosse bom, isto é, as melhores cabeças do gado seriam distribuídas pelos soldados para recompensar a valentia dos combatentes. O resto do gado seria oferecido em sacrifício a Deus!...

Como já acontecera, na primeira vez, também agora o profeta Samuel chegou no momento próprio. E Saúl, falsamente, declarou-lhe: «Executei a palavra do Eterno». Samuel, porém, avisado por Deus, não se deixa enganar. Antes, porém, de entrar no capítulo das repreensões, faz-lhe uma pergunta insidiosa: «Que balido de ovelhas é este nos meus ouvidos, e o mugido de vacas que ouço?» A má consciência de Saúl sugere-lhe uma escapatória com uma mentira: «o povo perdoou ao melhor das ovelhas e das vacas para oferecer ao Senhor teu Deus, o resto, porém, temos destruído totalmente».

Que tristeza e desconolação ver um homem tão fraco que pretende servir a Deus, quando faz a sua própria vontade!

O declínio e a queda

Como geralmente acontece, as causas do malogro residem aqui no próprio homem. Por ter ofendido, gravemente, a Deus com uma desobediência pública, Saúl foi rejeitado. A partir de então, o Espírito Santo retirou-se dele. E todas as fraquezas que, com a ajuda de Deus, o homem seria capaz de vencer, começam a reaparecer, perigosamente. Ávido de louvores e de honras, Saúl começa por experimentar amargura vendo aumentar a popularidade de David.

No caso de Saúl, certas indicações levam-nos a pensar que o infeliz rei, domi-

nado por terríveis conflitos interiores não era capaz de subjugar as suas fraquezas. Quando era assaltado pela tentação, encontrava-se sem forças, porque o seu coração estava dividido e Deus acabara por se retirar dele.

Faz-me lembrar um pequeno que cobiçava, ardentemente, as maçãs expostas numa prateleira de uma frutaria. O pequeno estendia a mão para uma, mas retirava imediatamente a mão e assim ia repetindo os movimentos. O dono do estabelecimento que estava a observar tudo aquilo, acabou por exclamar:

— Então, que é isso! Estás a tentar roubar-me as maçãs, não é assim?

— Não senhor — respondeu prontamente o pequeno. É o contrário; estou, mas é, a não as querer tirar!...

Suponho que estamos todos de acordo em dizer que, se este jovem queria verdadeiramente vencer a tentação, estava, realmente, a proceder muito mal. Querendo brincar, demasiadamente, com o fogo, não há dúvida de que acabamos por nos queimarmos. E o pior é que os efeitos são irreparáveis. Foi o que aconteceu com Saúl. Caminhou demasiado longe pela estrada errada e já não teve força para voltar para trás, para o bom caminho. Por fraqueza de carácter, meteu-se pela descida mais pronunciada e aí o manteve sempre o seu orgulho.

Por outro lado, também se preocupava infinitamente mais em garantir o seu prestígio pessoal do que em prestar a Deus a honra que Lhe é devida. Vários factos provam isto que acabamos de dizer. O seu ciúme, o seu desgosto refinaram quando descobriu que as mulheres e as donzelas de Israel, incluindo a sua própria filha preferiam a David. Este David, muito formoso, bastante sedutor, querido de todos, apareceu-lhe como um obstáculo que era necessário derrubar, a todo o custo. Saúl jurou que o havia de matar. Não pela sua própria mão, pois temia o povo. Mas mediante interposta pessoa. Para isso, propôs a David fazê-lo seu genro com a única condição de que David organizasse um ataque contra os Filisteus e massacrasse uma centena deles. Contra toda a expectativa, David regressou vencedor deste temerário ataque. Saúl, então, teve medo: manifestamente, Deus apoiava David e apoiava-o contra ele, Saúl! A partir de então, o seu louco ciúme não deixou de ir sempre crescendo.

A tragédia de Gilboa

O grande drama de Saúl foi o da desenvoltura a respeito de Deus. Será possí-

vel que Saúl não tivesse tido o intuição daquilo que o esperava, no fim? E se assim foi, então como se pode explicar que ele não se tenha ajoelhado para implorar a misericórdia divina, que não tenha suplicado a Deus que o libertasse dos seus demónios interiores? A única explicação possível é que ele tinha ido longe demais, que tinha ultrapassado o limite para o regresso, tendo cometido, porventura, um pecado imperdoável. Salvo se no seu mais íntimo da alma ele nunca tivesse pertencido, verdadeiramente a Deus!

A história de Saúl encontra o seu desfecho dramático na montanha de Gilboa. Perseguidos pelos Filisteus, os homens de Israel, em fuga, morriam com as flechas inimigas. Os Filisteus mataram, assim, os três filhos de Saúl. Depois os seus frecheiros dirigiram as setas contra o próprio Saúl.

No dia seguinte, os Filisteus, tais como abutres, precipitaram-se pelas encostas abaixo para despojar os cadáveres dos inimigos. Encontraram o cadáver de Saúl, decapitaram-no e foram pendurar-lhe o crâneo no templo de Dagon. Os corpos do rei e dos seus três filhos foram pendurados nas muralhas de Beth-San.

Saúl encontrou em Gilboa o fim lamentável daqueles que Deus rejeita. E Gilboa representa para nós o tríplice símbolo das escolhas infelizes, da fraqueza de carácter e do desprezo dos mais sagrados deveres espirituais. A montanha de Gilboa representa, na vida de Saúl, um encontro trágico com o destino. A montanha que Moisés escalou no fim da sua vida serviu-lhe, pelo contrário, para a sua apoteose.

A história de Saúl não é uma história velha, desactualizada; é, sim, uma história actual, em mais de um ponto. Milhares de jovens passam, hoje, pela mesma triste experiência. É certo que a época é muito diferente; o ambiente geral é o do século vinte. Mas os dados essenciais são fundamentalmente os mesmos.

Saulo de Tarso

Aqui temos um outro Saúl, um nome praticamente idêntico, embora com pronúncia diferente se dissermos Saulo. Mas, com Saulo de Tarso, um mundo totalmente diferente é o que se nos apresenta à nossa consideração. Foram dois homens pertencentes ao povo hebreu; eram da mesma tribo, a de Benjamim.

Talvez possamos explicar as suas diferenças se nos reportarmos a uma declaração do profeta Miqueias que, infelizmente, o rei Saúl não pôde conhecer: «Se eu cair, levantar-me-ei» (Miqueias 7:8). O pecado não está tanto na queda, mas na impos-

sibilidade de se erguer. Nos restos do Grande Incêndio que, em 1666 destruiu a cidade de Londres, descobriu-se uma pedra que tinha a seguinte inscrição em latim: «Levantar-me-ei». Esta pedra preciosamente posta de lado, foi a primeira pedra da nova catedral de S. Paulo. Devastado, por sua vez, pelos bombardeamentos da segunda guerra mundial, o edifício foi restaurado, brilhante confirmação da inscrição latina inserida nas suas paredes. Saulo de Tarso conhecia, decerto, a declaração de Miqueias. Aplicava-se, perfeitamente, ao seu caso, isto é, à radical reviravolta que se operou na sua existência e mais particularmente à sua experiência na estrada de Damasco, uma lição que, para o resto dos seus dias, se tornou a sua razão de viver.

A experiência de Saulo de Tarso, indo de cume em cume, de glória em glória, é tão elevada quanto a do rei Saúl é deprimente. Fulminado, cego, na estrada de Damasco, chegou a esta cidade onde, na solidão, entrou em profunda meditação revendo a sua situação espiritual. Emerge desta noite, inflamado de amor pelo seu Salvador e repleto do poder do Espírito.

Dois homens com o mesmo nome, dois filhos da tribo de Benjamim, dois homens chamados a dirigir o seu povo — mas com destinos tão diferentes!

O caminho da fé

Se compararmos a vida de Saulo de Tarso com a do rei Saúl, vemos que a partir de um certo momento se produziu uma mudança, tanto no curso da existência de cada um deles, como na sua maneira de pensar. Mudança mais marcada e muito mais radical em Paulo, é certo, e num sentido totalmente diferente. O segredo desta mudança brusca de direcção, confia-o Paulo, através das suas Epístolas, às igrejas que ele fundou. Declara, de maneira categórica que aquilo que sempre o manteve no decorrer da sua existência cheia de dificuldades e de perigos, foi a convicção profunda, absoluta, de ter encontrado o Senhor na estrada de Damasco, de se ter aproximado d'Ele da mesma maneira tão certa, tão positiva como os discípulos, quando compartilharam a vida do Mestre, na Galileia. É isto que lhe dá essa garantia extraordinária, essa confiança inquebrantável, essa fé simples e tão radiosa. Os próprios termos que ele emprega estão cheios daquela visão gloriosa que lhe dominou toda a existência. Não é, pois, para estranhar ouvir-lhe dizer que está «cheio de alegria no meio de todas as tribulações», de sabermos que entre as paredes de uma prisão, cheia de humidade passa ele as noi-

tes a orar e a cantar louvores a Deus. Uma fé ardente, escaldante, ressalta dos escritos de Paulo. «Eu sei em quem tenho crido», dirá ele, e esta simples afirmação pesa tanto que nos leva a ter inveja de Paulo que soube fazer dela, de certo modo, a sua divisa.

Comparemos agora a morte dos nossos dois heróis. Paulo, um homem já bastante idoso, vive, na cadeia, em Roma. É a sua segunda prisão, nesta cidade.

Sabe, perfeitamente, que se aproxima o seu fim; escreve uma última carta ao seu jovem amigo Timóteo, um jovem que considera seu filho espiritual: «Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia e não só a mim, mas também a todos os que amarem a Sua vinda». (2 Timóteo 4:7, 8).

Estas palavras têm sido citadas tantas vezes que o seu poder de impacto se encontra um pouco atenuado. Durante longos anos, Paulo gastou as suas sandálias calcurriando os caminhos rochosos da montanha ou os empoeirados da planície; atravessou desertos para ir pregar em cidades, das quais o expulsavam como se fosse um pária. Às vezes uma saraivada de pedras vinha interromper-lhe os discursos. Era necessário fugir, deixar aquela terra, empreender, talvez uma longa viagem por terra ou por mar, aceitar o risco de um naufrágio ou de um assalto de piratas. Todos estes perigos e, tantos outros, foram defrontados por Paulo, sem desfalecimento, para que pudesse realizar aquilo que ele considerava ser a missão da sua vida; dar a conhecer a todos o Senhor Jesus, o Crucificado que nos dá o direito de recebermos a vida eterna. Fatigado, esgotado, assim devia andar o Apóstolo dos Gentios. De facto, não se contentava só com o pregar; tinha de trabalhar para garantir a sua subsistência e a de alguns dos seus companheiros. Sempre com o mesmo ardor, o mesmo dinamismo, a mesma fé radiosa. Há em Paulo um entusiasmo transbordante que força a admiração e que actua sobre ele próprio e sobre os seus companheiros como um poderoso tónico; um entusiasmo que o impele a dar-se sem reserva para que todos, com o seu exemplo, conheçam a alegria incomparável de pertencer a Jesus Cristo.

Conheço uma jovem estudante que desejava, sinceramente, dar muito de si mesma, mas que não era capaz. Fartava-se de se lastimar contra a sua colega de quarto, criticava-lhe os vestidos e tudo o que fazia; censurava clamorosamente a maneira desenvolvida como uma outra colega guardava

o Sábado, tornando a vida impossível a toda a gente por uma necessidade de deitar tudo abaixo e também por uma tendência bastante nítida para o desânimo. Nunca se via alegre nem descontraída; por isso não tinha amigas. A jovem estava quase a arruinar, totalmente, a sua existência quando, após certa experiência difícil, realizou um sério esforço sobre si mesma e resolveu mudar de atitude. Esforçando-se no sentido de se tornar indulgente para as deficiências do próximo, aprendeu então, a maneira de se dar, tornando-se, bem depressa, uma verdadeira cristã, fervorosa e alegre. Às vezes, somos solicitados a dar «até nos fartarmos». Não seria melhor dar «até o coração rebentar de satisfação e alegria»?

Subir ou descer?

«É bom seguir pela encosta, desde que seja para subir», diz um grande escritor. Há, porém, muitas pessoas que, seguindo a lei do menor esforço, preferem descer. O rei Saúl pertenceu a este número. Em baixo, esperava-o a morte.

A tradição afirma que o apóstolo Paulo também morreu à espada decapitado, morte reservada aos cidadãos romanos. Mas esta morte nada tem de comum com a de Saúl. Até ao último momento, o apóstolo deu, magnificamente testemunho da fé ardente que habitava no seu coração e da sua confiança na Providência divina. Por isso a sua vida foi toda uma série de prodígios que impressionavam todos quantos os observavam: é atirado para uma prisão, mas as cadeias recusaram-se a guardá-lo: um terremoto abre-lhe as portas e o carcereiro converte-se. Embarca num navio que naufraga e é ele que salva a tripulação. Acorrentam-no a um soldado e o soldado converte-se ao Cristianismo. Encarcerado em Roma, fala de Cristo aos membros da guarda pretoriana: muitos se convertem, assim como algumas pessoas da própria casa do Imperador. Como seria possível reduzir um

tal homem ao silêncio, como desembaraçar-se de um prégador tão incómodo? Só havia uma solução: liquidá-lo, desfazendo-se dele de maneira definitiva. A verdade, porém, é que também esta solução é caduca, porque, Paulo, mesmo morto, ainda fala; os seus escritos estão cheios de vida e fazem florescer a vida.... Milhares de pessoas têm escapado à maldição que feriu o rei Saúl, porque se puseram em contacto com os escritos de Paulo.

Alguém escreveu: «Não esqueçamos que por mais baixa que uma criatura tenha caído, há sempre, contudo, um amor capaz de o obrigar a levantar a cabeça». Este amor não é outro senão o amor de Deus.

Não pensemos apenas em Saúl, filho de Kis, nem no apóstolo Paulo, como em tantos homens de outrora, que nada mais têm que nos dizer, nos nossos dias. Qualquer deles podia ser um nosso vizinho, isto é, um homem, que, simplesmente colocado diante de uma grave decisão, a toma de uma maneira presunçosa e irreflectida ou que, pelo contrário, lhe pesa todas as consequências antes de se comprometer, de maneira definitiva.

Se alguém objectar que não há ninguém que se possa comparar, quanto à inteligência e à espiritualidade, com o gigante que foi o apóstolo Paulo, responderemos que há Jacobes, Jonas, Pedros e Marias e centenas de outros, cujos nomes se perderam, mas que em dado momento das suas vidas, deram um vigoroso impulso aos remos que lhes permitiu entrar, com segurança, no porto. Em todos se encontra um elemento comum: um zelo que os constrangia, de maneira imperativa, a fazer o que Deus esperava deles; uma vontade de tomarem as suas decisões, grandes ou pequenas, à luz da sua experiência com Deus. Era isso que lhes dava essa imensa esperança que os mantinha firmes no meio das maiores dificuldades.

Pode dizer-se que viver sem Cristo é caminhar para um fim de desespero. Mas viver com Cristo, é possuir uma esperança que nunca mais tem fim.

A Escolha dos Amigos

Quando se fala de amizades ou de associações, considera-se, geralmente, a questão num plano negativo. Parece-nos que é melhor examiná-la nos seus aspectos positivos. Para esclarecer, devidamente, o assunto, vamos dizer duas palavras acerca do género de amigos que é preferível pôr de parte, logo de início. Salomão dá-nos a este respeito um valioso conselho: «Não acompanhes com o iracundo nem andes com o homem colérico» (Provérbios 22:24). Isto elimina já os coléricos e os violentos. Há, ainda, outras categorias de pessoas que é conveniente manter a distância: os mentirosos, os depravados, os maldosos. É certo que Jesus também morreu por todos eles, assim como por nós; temos, portanto, de lhes demonstrar um amor cristão sincero e cheio de solicitude. Mas tratando aqui de amizades, de associações, pelo que se impõe uma certa prudência, se não quisermos ser arrastados para a perdição.

Por outro lado, desconfiemos dos amigos que só representam autênticas cargas para nós, sem nada nos darem, em troca. Não é que sejam más pessoas; não têm individualidade e só pretendem apoiar-se em nós, em todas as circunstâncias: só recebem e não dão nada. No caso de possuírmos uma personalidade forte, é possível que uma tal amizade venha a ser benéfica. Contudo, não há amizade duradoura sem qualquer troca ou reciprocidade. Há, também, aqueles que nunca estão presentes, que nunca se encontram, nos momentos de necessidade. São, geralmente, pessoas entusiastas e calorosas que nos fazem grandes demonstrações de amizade, quando tudo corre bem. Mas assim que aparece uma dificuldade, tais pessoas sumiram-se, sem deixar rasto. Pensamos, imediatamente, em Pedro que clamava bem alto a sua indefectível fidelidade, precisamente antes da crise, mas que negou, miseravelmente, o Mestre, quando se viu implicado no caso. David relata uma experiência semelhante: «Até o meu próprio amigo íntimo, em quem eu tanto confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar». (Salmo 41:9).

Acautelemos-nos, também, dos amigos indiscretos. Certas coisas pessoais devem permanecer estritamente entre Deus e nós. Um amigo muito ávido de conhecer os nossos mais íntimos segredos prova com isso que a sua curiosidade é infinitamente mais viva

do que a sua amizade por nós. Nunca poderá ser para nós uma solução nas nossas dificuldades.

Um verdadeiro amigo é aquele com quem podemos partilhar o que razoavelmente se pode partilhar e que não se melindra quando não lhe comunicamos coisas que só a nós dizem respeito.

Amizade

Que alegria maravilhosa — esse inexprimível sentimento de bem-estar

Que sentimos junto de alguém

Que não julga os nossos pensamentos;

Diante de quem não há necessidade de pesquisar as palavras

Junto de quem podemos espalhar sem receio pelo chão

Papéis e desperdícios juntamente

Certos de que a mão amiga varre tudo,

Apanhando o que merece ser guardado

E deitando fora o que não presta.

Adaptado

As amizades de Jesus

Já alguma vez perguntámos a nós mesmos qual era o critério segundo o qual Jesus escolhia os seus amigos? Notemos, antes de mais, que tratava os Samaritanos, os Romanos e os Gregos no mesmo pé de igualdade, como se fossem Judeus. Jesus não tinha nenhum preconceito de classe; censurava os Fariseus, às vezes, em termos bastante duros, mas não recusava sentar-se à mesa com eles, quando o convidavam. Movia-se no meio de um pequeno círculo de amigos — seus discípulos, Lázaro e as irmãs em Betânia — mas isso não o impedia de manter amizades fiéis com muitas outras pessoas.

Notemos, ainda, que Jesus nunca escolhia os seus amigos numa classe social particular. Era o fervor da resposta ao apelo do Mestre que determinava o grau de dedicação. E, se no seio do grupo dos discípulos, os seus contactos com Pedro, Tiago e João parecem revelar uma intimidade mais profunda, sabemos, contudo, que nunca encorajou qualquer dessas espécie de camaradagem que marcam a sentença de morte de muitas amizades.

As vezes os amigos são aborrecidos pondo-nos a paciência à prova! Jesus também conheceu esta espécie de amigos!

Quem eram, afinal, os seus amigos? Homens incultos e sem educação, muito próximos da natureza com os problemas e as rivalidades daquelas pessoas que nunca souberam disfarçar a sua avidez. Jesus não ignorava nenhuma das lacunas dos seus discípulos e sofria com isso; mas nem por isso deixava de amar os que ele tinha escolhido para seus amigos.

Estes, em contrapartida, nunca sofreram a mínima coisa, da parte de Jesus, como é costume nas amizades terrestres. Jesus amava os seus amigos não pelos serviços que estes últimos Lhe poderiam prestar, mas sim por aquilo que Ele próprio lhes podia fazer. Esse amor que dava, sem nada esperar em troca, é o modelo perfeito do comportamento cristão.

Certamente que a amizade de Jesus pelos homens escapava a toda e qualquer comparação. «Porque apenas alguém morrerá por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém ouse morrer. Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores». (Romanos 5:7, 8).

Jesus não se cansava de amar os que O repeliam. «Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das suas asas, e tu não quise-te!» (Mateus 23:37).

Jesus amava também os seus inimigos. Amava-os até morrer por eles. (Ver Romanos 5:10). Não se descobre a menor parcela de egoísmo na maneira como Jesus amava os homens em geral e o seu próximo, em particular. «Mas a vós que ouvis, digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos aborrecem. Bendizei os que vos maldizem, e orai pelos que vos caluniam. Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra; e ao que te houver tirado a capa, nem a túnica recuses... E como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira lhes fazei vós também.... Amai, pois, a vossos inimigos e fazei bem, e emprestai, sem nada esperardes e será grande o vosso galardão e sereis filhos do Altíssimo; porque Ele é benigno até para com os ingratos e maus». Lucas 6:27-29, 31, 35).

Jesus não consente que os seus amigos paguem por Ele. Quando são apanhados nas malhas da rede destinada a prendê-lo, Jesus apresenta-se como defensor dos direitos deles e consegue que os deixem em liberdade: «Jesus respondeu: Já vos disse que sou eu; se pois me buscais a mim,

deixai ir estes. Para que se cumprisse a palavra que tinha dito: dos que me deste, nenhum deles perdi». (João 18:8, 9).

Tinha amizade para com aqueles que eram desprezados: «Veio o Filho do homem, comendo e bebendo, e dizem: Eis aqui um homem comilão e bebedor, amigo de publicanos e pecadores. Mas a sabedoria é justificada por seus olhos». (Mateus 11:19).

A Bíblia menciona algumas amizades magníficas que Jesus, decerto, não desprezaria: a de David por Jónatas, a de Rut por Noémi, a de Paulo por Timóteo. Todas elas mereciam profundas considerações; descobrimos nelas o segredo da verdadeira amizade.

A escolha dos amigos

Quer isso nos agrade quer não, quer julgemos uma coisa normal, ou perfeitamente injusta, a verdade é que somos julgados segundo os companheiros com os quais aca-maradamos. Jesus também sabia isto muito bem. Teve de suportar atitudes de desprezo, injúrias e agravos ofensivos: «Pode vir alguma coisa de bom, de Nazaré?» Desaprovaram a sua maneira de comer com os pecadores notórios; foi desprezado por se juntar com simples pescadores sem instrução; pareceu chocante que Ele entrasse em contacto com pessoas de má vida. Jesus tinha as suas razões para adoptar um comportamento tão pouco conformista. Estando, em consequência da sua união com o Pai, ao abrigo de certas tentações, nunca se ligando por motivos de interesse pessoal, podia ser para todos aqueles que o mundo despreza, a Mão estendida que ajuda a levantar os que caem.

Recordemos como o fogoso Pedro se sentia seguro de si mesmo na noite que precedeu a crucificação. Isso não o impediu, alguns instantes mais tarde, de renegar o Mestre. Se tivesse sido um pouco mais cuidadoso quanto à escolha dos seus companheiros, naquela famosa noite, talvez não tivesse descido ao ponto de renegar o seu Senhor. Olhemos atentamente para as nossas próprias fraquezas, e isso pode evitarnos que as confundamos com boas intenções.

A influência exercida por um amigo sobre o seu amigo é uma das mais subtis e mais profundas influências que pode haver. Mas tanto se pode exercer para o mal como para o bem. A um jovem que perguntava a William Gladstone o que devia fazer para triunfar na vida, Gladstone respondeu: «Escolha muito bem os seus amigos, porque são os amigos mais que uma boa alimentação

e uma boa atmosfera familiar, que fazem com que o homem seja aquilo que é».

Conservar os amigos

Para ter amigos temos de nos mostrar amigáveis. Há muitos jovens que se lamentam da sua incapacidade de fazerem amigos e de os conservar. Falam de amizade ideal, à maneira dos místicos, mas não fazem nada para derribar as barreiras que eles mesmos ergueram e atrás das quais se escondem. É que estes isolados são, muitas vezes, tímidos, hipersensíveis, afligidos por um sentimento de inferioridade — ou de superioridade, o qual, no plano psicológico, não passa de um derivado do precedente. Na maior parte dos casos, trata-se de jovens exclusivamente centralizados em si mesmos, que se mostram incapazes de ter um qualquer sentimento profundo por aquilo que não lhes diga respeito. Para fugirem do círculo fechado da sua solidão, têm de aprender a abrir-se e a dar-se. O amor é uma das raras coisas que se multiplicam pela doação: quanto mais se dá, quanto mais se espalha, mais cresce.

Não há nada mais destruidor da amizade do que a tendência para criticar. Disse alguém com muita perspicácia que os espíritos verdadeiramente superiores se interessam pelas ideias, que os espíritos comuns se interessam com os acontecimentos, mas que os espíritos pequenos, mesquinhos, se interessam, principalmente, com o que se passa na casa do vizinho! É, de facto, dar prova de possuir um espírito mesquinho quem se compraz em criticar uma pessoa amiga.

Muitas amizades se dissolvem porque cada um dos amigos se mostra implacável em aceitar o outro com os seus defeitos e as suas lacunas.

Quando Jesus toma sobre si os nossos pecados, que é que faz? Cobre-os, de certo modo, com um manto de justiça, retira-os

da vista. Só o amor é que tem destas delicadezas. O ódio, pelo contrário, procura dar relevo às faltas e às fraquezas alheias, apregoando-as com a esperança de provocar escândalo. A verdadeira amizade lança um véu sobre as faltas do amigo e ajuda-o a vencer as suas fraquezas.

Não se trata aqui de aprovar um comportamento condenável, nem mesmo de desculpar o mal com argumentos sofisticados. Mas, sim, de evitar envenenar as coisas apregoando o que era melhor que estivesse oculto. Trata-se, também de recobrir a chaga para lhe facilitar a cura. Se um dos maiores pecados do homem é a sua falta de humanidade para com os seus irmãos, uma das formas mais graves desta falta de humanidade consiste, precisamente, em fazer-se eco de maledicências ou de calúnias sobre a pessoa de outrem.

Se o seu amigo é para si um motivo de alegria ou de inspiração, tenha a coragem de lho dizer. Sentir-se-á mais próximo dele e ele próprio também se sentirá mais encorajado.

Honrar a Jesus nos nossos contactos sociais significa muito mais do que considerar a coisa sob o ponto de vista da nossa reputação ou da nossa saúde espiritual. Temos de pensar nisso em termos de serviço, com a ideia de partilhar e de nos darmos. Quando Jesus escolhia amigos, fazia-o da maneira mais natural. Algumas pessoas sentiam-se atraídas para Ele; outras não. Os que O seguiam, faziam-no porque era Ele, e não outra qualquer pessoa. A amizade que então se estabelecia assentava no que Ele fazia e dizia, ao mesmo tempo que tratava dos seus afazeres quotidianos.

No domínio das associações e das amizades, ser-nos-á proveitoso examinar como é que Jesus resolvia o problema. Tomando o Seu exemplo, escolhendo de preferência os que amam o Salvador, como nós O amamos, recusando-nos a acamaradar com pessoas sem ideal, evitaremos muitos desgostos e muitos sofrimentos.

Viver Plenamente

Vamos tentar ao longo desta semana descobrir o que a Bíblia revela acerca da vida. Procuraremos hoje abordar as relações entre a vida física e a vida espiritual.

Em primeiro lugar, consideremos a teoria de que o homem é constituído por três partes distintas. Com efeito, o homem não possui um corpo, um espírito e uma alma separados que vivem cada um a sua vida própria. O homem é um todo. Não compreenderemos verdadeiramente o mecanismo destas partes diferentes se não as estudarmos em função umas das outras, tendo em conta a sua interligação.

O Homem é um todo

Quando um indivíduo tem uma dor violenta nos dentes ou na cabeça, não é apenas o dente ou a cabeça que estão em causa: o homem sofre no corpo todo como se os órgãos não afectados pela dor sofressem com a parte afectada, por uma espécie de contágio. É por isso que todas as teorias sobre a saúde que visem melhorar apenas o estado físico estão condenadas ao fracasso, mesmo que se fundamentem nos melhores princípios cristãos. O grande erro da maior parte das reformas relativas à saúde consiste em focar um ponto preciso, o que, invariavelmente, é prejudicial ao todo.

Stanley Jones salienta que quando o Verbo (Palavra) foi feito carne, a barreira que separava a carne do espírito foi derrubada. Desde então, se o Espírito Santo é derramado sobre um ser humano, a sua alma e o seu espírito são igualmente dele impregnados.

O apóstolo Paulo sabia-o bem. Uma das suas declarações mostra-o claramente: «Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus, no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus.» I Cor. 6:20. Achais que é possível glorificar a Deus no vosso corpo se o vosso espírito não participar? Da mesma maneira se tiverdes em conta apenas os aspectos físico e mental, e negligenciardes o aspecto espiritual, é como se pretendésseis fazer um triângulo apenas com dois ângulos.

O prazer do corpo

Certos crentes austeros insistem na neces-

sidade de manter o corpo sob controle. Pessoalmente cremos que têm razão. Mas seria um erro grave se considerássemos o nosso corpo como algo exigente e desprezível em quem é preciso reprimir ao máximo o apetite. Este conceito de condenação do corpo considerando-o como a parte mais vil do indivíduo é uma noção pagã. As mortificações dos ascetas que castigavam o corpo na esperança de obter os favores divinos parecem-se estranhamente com os ritos praticados pelos pagãos.

Condenar os prazeres físicos é uma consequência de tal aberração. As alegrias do corpo são necessárias à sua boa conservação. E faz parte do plano divino que conservemos o copo em bom estado, pois ele é o templo do Espírito Santo. Como podemos nós conceber a ideia de oferecermos ao Espírito uma habitação em mau estado?

Os prazeres são, a desconstracção física, libertando o corpo de certas tensões, contribuem para o nosso desenvolvimento. Sempre com a condição de não se tornarem um fim em si, o prazer pelo prazer, e de não nos desviarem dos nossos deveres. Os prazeres assemelham-se um pouco ao vinho. Quando usado em excesso, sobe à cabeça!

O cristianismo é verdadeiramente uma religião extraordinária. É a única, entre as grandes religiões do mundo que apresenta um ensino equilibrado no que respeita ao corpo, à alma e ao espírito. Segue um caminho bem delineado, a uma distância igual das intransigências do fanatismo e de uma excessiva indulgência para consigo mesmo.

Que significa ser temperante?

Que entendemos exactamente por temperança? E. G. White dá-nos uma excelente definição: «A verdadeira temperança consiste em abster-se de tudo o que é prejudicial ao nosso organismo e a usar com moderação tudo o que é bom».

Mas ide falar de moderação a jovens cheios de vigor que imaginam possuir um capital inesgotável de energias e saúde! O jovem prudente que se preocupa em vigiar a sua alimentação passa inevitavelmente por ser um excêntrico, rotulado de «ter manias». Instigado pelo amor próprio, quer a todo o custo fazer «como os outros» passando por alto os conselhos dados por Deus.

Como escreve alguém: «O excesso prati-

cado nos anos verdes reflecte-se mais tarde nos anos maduros. Pagamos, com juro, trinta anos mais tarde. Não esqueçais que os efeitos nocivos dos excessos e da dissipação podem bem passar despercebidos agora, se é que já não os sentis, ou não lhes quereis dar atenção. Mas não tenhais dúvida, a factura ser-vos-á belamente apresentada mais tarde ou mais cedo». — *How to Study*, pág. 68.

A prática da temperança não deve depender de impulsos ou de disposições momentâneas. Poder-se-ia pensar «levianamente» que o nosso instinto é um guia suficientemente fidedigno. Era certamente esse o caso na origem do homem. Mas o pecado escureceu as nossas faculdades de reacção, de reflexão e de juízo, de maneira que não mais podemos confiar nos nossos apetites. Para vivermos sábiamente, tornam-se necessárias duas coisas: o domínio próprio e uma consciência esclarecida.

Quando Paulo recomenda, a temperança, tinha certamente em mente todos os aspectos da existência. Hoje limitamos demasiadas vezes o termo temperança ao comer e ao beber, de tal maneira que pessoas extremamente escrupulosas nesse capitulo, passam por alto e não admitem um plano de trabalho ou de recreação, as horas de sono ou de exercício.

Com o problema equacionado desta maneira, vejamos se, nós como Adventistas possuidores de instruções numerosas e precisas sobre o assunto, não tendemos a restringir o significado da palavra. Podemos nós afirmar, num plano de conjunto, que a nossa saúde é melhor que a dos outros grupos similares? Considerando o número de anos decorridos desde o início do nosso Movimento, se tivéssemos vivido segundo os princípios que pregamos, certamente isso seria evidente duma ou de outra maneira. Por exemplo está provado que o cancro do pulmão é muito menos frequente nas nossas fileiras que em qualquer outro grupo humano. Mas em relação ao resto, nada nos diferencia do lote comum.

Uma Inteligência Sã e Lúcida

Estabelecemos claramente que as nossas faculdades cerebrais se encontram em conexão estreita com o funcionamento dos órgãos principais. Pode acontecer — trata-se de casos patológicos — que num corpo enfezado ou paralítico se desenvolvam faculdades cerebrais excepcionais, ou que pelo contrário o vigor físico aumente em prejuízo da actividade cerebral. Aquele que negligencia o exercício das faculdades cerebrais cai inevitavelmente sob o domínio dos instintos. Deixa de ser então senhor de

si mesmo porque o corpo tem as suas exigências, e se a razão não age para as reprimir, o homem cai ao nível dos animais. Ou noutras palavras é indispensável cultivar o domínio próprio.

O cristão que atingiu a maturidade espiritual deve ser capaz de avaliar o valor das solicitações de que é alvo por parte do meio ambiente em que vive, e que lhe sugerem que pode violar impunemente as leis ditadas por Deus para a nossa saúde corporal. Apreciais de uma maneira especial as refeições abundantes? Então recorreis logo ao comprimido! Sois um grande fumador demasiado agarrado a esse hábito para de vos desembaraçardes? Recorreis então ao filtro; ele garante-vos o perfeito estado dos brônquios! Tendes digestões difíceis? Tomais um pequeno copo com um licor, e vereis a vida cor de rosa! Quanto aos efeitos a longo prazo, esses por ora não contam!

Os princípios cristãos são mais severos, mas nunca procuram enganar-vos. Ensinam que o espírito deve governar as reacções do corpo e que a vossa inteligência deve recusar o apetite que não tem por objectivo a vossa integridade física.

Essa autoridade de espírito desenvolve-se pelo exercício e pela leitura do livro mais notável do mundo: a Bíblia. «O Espírito ocupado unicamente com coisas comuns, torna-se acanhado e enfraquecido. Nunca trabalhando para compreender grandiosas e profundas verdades, depois de algum tempo perde a faculdade de crescer. Como salvaguarda contra esta degenerescência, e como estímulo ao desenvolvimento, nada se poderá igualar ao estudo da Palavra de Deus. Como meio para o intelectual, a Bíblia é mais eficiente do que qualquer outro livro, ou todos os outros livros reunidos». — *Educação*, pág. 124.

A saúde pelo Trabalho

Aos judeus que O censuravam por fazer curas ao sábado, Jesus respondeu: «Meu Pai trabalha até agora e Eu trabalho também». João 5:17.

Deus é o criador. Esse é um dos grandes atributos divinos, uma necessidade da Sua natureza: criar, trabalhar. Da mesma maneira, para o homem feito à imagem de Deus, o trabalho é essencial para o desenvolvimento ideal das suas faculdades e de toda a sua personalidade. O objectivo exclusivo de certas pessoas consiste em acumular bens suficientes para em seguida poderem deixar de trabalhar. Saberão esses infelizes que buscam dessa maneira a sua própria degradação, física e mental? Se o conselho de Paulo «se alguém não quiser

trabalhar que também não coma» fosse mais seguido, a raça humana estaria certamente menos degenerada.

Uma das vantagens do trabalho consiste em nos arrancar às nossas preocupações pessoais. Quanto se tem demasiada compaixão própria, acaba-se por comprometer a paz interior e a própria saúde. O amor próprio é um grande destruidor da tranquilidade. Isso nada tem de extraordinário visto ser contrário aos princípios fundamentais do reino de Deus. Mesmo que o trabalho não nos trouxesse mais do que uma profunda paz interior já seria uma grande bênção.

O medo, a angústia e a saúde

Há medos salutareos, como o medo da polícia ou o receio de dar uma queda. Mas o medo em geral é eminentemente nocivo e os seus efeitos sobre a moral e o físico são positivamente desastrosos.

Toda a gente sabe que a úlcera do estômago é muitas vezes a consequência de uma tensão emocional. O Dr. Menninger declara: «Sob o efeito do medo, a pressão sanguínea eleva-se bruscamente e mantém-se assim sem que se possa explicar a causa. A ansiedade só por si pode determinar toda a espécie de sintomas ainda mais graves, sem que se possa incriminar uma deficiência orgânica. Um terço — ou talvez mesmo a metade — das pessoas que sofrem de doenças de coração não apresentam nenhuma lesão cardíaca». — Citado por E. Stanley Jones, op. cit., p. 120.

Compreendemos assim que uma atitude positiva para com a vida tem uma influência tónica sobre o organismo. Mas, da mesma maneira que os pastores se sentem infinitamente mais levados a falar do pecado do que da saúde moral, os médicos interessam-se mais pela doença do que pelas leis da saúde. Também muitos cristãos se concentram mais nos seus problemas e preocupações, facto esse que os torna incapazes de reconhecer as bênçãos que podem disfrutar, as quais os podem fazer felizes.

Viver sadiamente

O princípio de base de uma vida sã consiste em promover a nossa comunhão com Deus, o que trará como consequência o desenvolvimento harmonioso de todas as nossas faculdades e de certos dons particulares. Adoptando princípios susceptíveis de lhe proporcionar a saúde, o homem não faz nada de mais que obedecer às leis da sua natureza.

Mas nunca ninguém diga que levar uma vida sã tem mais vantagens do que renunciar a certos hábitos perniciosos com a ideia de ganhar algum mérito. Isso, é puro paganismo: é salvação pelas obras. É como aquele homem obrigado a lutar contra o apetite que se queixava amargamente de que tudo o que gostava, ou pertencia à categoria das coisas proibidas, ou então à das que o faziam engordar!

Contudo, aqueles cuja saúde é precária sem que isso seja da sua culpa, não se devem sentir desanimados. Homens perfeitamente consagrados tiveram de viver toda a sua vida com uma saúde deficiente. O essencial é vencer os contratempos e adquirir, apesar de tudo, uma personalidade serena e radiosa. E isso é possível, pela graça incomparável de Deus.

O segredo de um êxito assim está resumido numa declaração do apóstolo Paulo: «oferecei os vossos corpos em sacrifício vivo...» Rom. 12:1. O cristão submeterá as faculdades físicas ao controle de um espírito regenerado pelo poder de Deus. Sob a antiga aliança os sacrificios consistiam em animais degolados. Sob a nova dispensação, o cristão é convidado a oferecer-se para se dedicar ao serviço do Mestre.

Não é o nosso ideal que a imagem de Deus seja restaurada no homem? Para que isso seja possível é indispensável preservar a nossa saúde das poluições do mundo e adquirir um espírito sã. Apenas então teremos uma vida espiritual que dá satisfação. E é com todo o nosso ser — espírito, alma e corpo — conservado irrepreensível, que podemos comparecer diante do nosso Salvador.

Falemos de Música

A música pode sem dúvida pretender ser a mais antiga e a mais natural de todas as artes. O primeiro festival de música teve lugar logo após a Criação, quando «as estrelas da alva juntamente cantavam» Job 38:7. Mas a primeira menção de uma música produzida por seres humanos aparece no quarto capítulo de Génesis: «E o nome do seu irmão era Jubal: este foi o pai de todos os que tocam harpa e órgãos». Ver. 21.

A música era muito considerada entre os Hebreus durante os primeiros séculos da sua história. Tomemos por exemplo Moisés: Para celebrar a saída do Egipto, ele entoou um canto de triunfo; ao mesmo tempo Miriam e outras mulheres de Israel dedilhavam a melodia ao som de pandeiretas, dançando. Deve ter sido uma cena impressionante e magnífica.

Quando Salomão edificou o templo de Jerusalém, fez nomear cantores especialmente indigitados para os serviços religiosos. Estes estavam divididos em vinte e quatro classes. Todos cantavam louvores a Deus acompanhados pela harpa, pelo alaúde e pelos címbalos. Eram ao todo duzentos e oitenta e oito. Havia ainda os que estavam incumbidos de tocar o clarim e a trombeta.

Eram bem conhecidas as aptidões musicais dos Hebreus. O canto fazia parte integrante da sua vida, pois era considerada como uma forma de adoração ao mesmo tempo que era um sinal de comunhão. Imediatamente após a última páscoa celebrada por Jesus com os Seus discípulos, mesmo antes de subirem ao Monte das Oliveiras, todo o grupo dos discípulos cantou alguns cânticos com Jesus.

A Igreja Primitiva, por sua vez, encontrou na música um meio de exprimir o seu fervor e a sua adoração, particularmente durante as perseguições ou quando era necessário fugir e encontrar refúgio nas catacumbas para escapar aos soldados romanos. Sempre que a Igreja teve de sofrer por causa da fé, enfrentando as reformas consequentes, o reavivamento era acompanhado por um ressurgimento da música sagrada, que, por sua vez, ganhava em profundidade e exaltação.

Quando os peregrinos da velha Inglaterra embarcaram rumo ao Novo Mundo, cantaram salmos de David. E foi ao ritmo dos mesmos cânticos que desembarcaram. Foi cantando que duas meninas escocesas entoaram

o salmo 23 ao subirem ao cadafalso. Ninguém saberá quantos servos de Deus têm procurado e encontrado um pouco de reconforto em simples cânticos. Hoje possuímos uma tradição de hinos sagrados que nos tem sido legada ao longo dos séculos. Cada igreja vai beber, segundo a sua conveniência, dessa grande herança, ajuntando-lhe em retribuição as suas próprias composições.

E. G. White escreve em *Patriarcas e Profetas*: «A música foi criada com um objectivo sagrado, a fim de elevar o pensamento do homem para tudo o que seja puro, nobre, sublime e para levar a alma à reverência e à gratidão para com Deus.» E acrescenta: «A melodia dos cânticos entoados com todo o entusiasmo e de maneira distinta por uma congregação constitui um dos meios de que Deus Se serve para atrair a Si as almas.» — *Testimonies*, Vol. V, pág. 493.

Vejamos qual é a atitude do membro de igreja em geral, no que diz respeito aos cânticos. Em muitos casos considera-se que é uma tradição particular da igreja, e participa-se de uma maneira rotineira, por uma espécie de hábito. Alguns pensam que se a hora reservada ao culto fosse inteiramente ocupada pelo sermão, correriam o risco deste ser muito extenso; os cânticos são assim bem acolhidos, porque proporcionam uma variante e repousam.

O culto deve ser uma experiência pessoal e não uma simples formalidade, embora seja feito segundo um determinado padrão. É evidente que um culto formalista não produzirá grandes resultados. Por outro lado, o culto que vem do coração obtém bênçãos incalculáveis. Um culto assim não é certamente possível sem a nossa participação activa. A música proporciona-nos precisamente uma ocasião de participar. Assistimos demasiadas vezes a um sermão como espectadores, como autómatos bem ensinados, que se levantam e assentam quando é feito sinal, enquanto que um oferece o culto por todos nós. É como que um culto por procuração! Esta apatia ganha terreno ao ponto de, quando nos dizem para levantar e cantar alguns hinos, o fazemos por vezes algo contrariados.

A boa música

Na sua essência, a boa música é algo que

penetra até ao fundo da nossa alma, que traz à superfície emoções escondidas, que faz renascer a esperança, que atenua o sofrimento, que nos põe num nível superior à nossa mesquinhez, enfim, que nos faz participantes de uma vida melhor.

Os sons perfeitos de uma música assim são-nos necessários para nos abstrair momentaneamente dos ruídos do mundo, dos seus gritos de prazer, de angústia ou de medo. Abrem a nossa alma às forças espirituais que deveriam dirigir a nossa vida.

O perigo existe, evidentemente, para o executante, de fazer gala do seu talento. É difícil ser-se edificado espiritualmente quando o cantor, pela sua aparência ou por uma atitude em desacordo com o que canta, põe uma barreira entre a música e o ouvinte. Certos cantores, organistas e maestros apresentam-se à igreja como se procurassem fazer de si próprios o centro de atenção da igreja, o que é devido apenas a Deus. No templo, a música nunca deve ser um fim em si. Os executantes nunca devem atrair a atenção sobre eles, mais que o pregador.

Haydn, a quem perguntaram porque razão a sua música era tão expressiva, respondeu: «Ela é a expressão do que existe em mim. Quando penso no Ser divino, o meu coração enche-se de tal felicidade e de alegria que as notas brotam em cascatas de alegria. E como o meu coração está alegre, Deus me perdoará de O servir alegremente.»

A boa música religiosa, que procura exprimir os mistérios de Deus e a fé, deveria fazer silenciar em nós a voz do quotidiano. Seria deplorável que as melodias cantadas na igreja ficassem no mesmo plano das músicas profanas e que sugerissem nos que as escutam pensamentos puramente terrenos. Uma música que não dirige os pensamentos para Deus, não tem lugar numa igreja.

A má música

Houve e haverá sempre música má. Quando Josué e Moisés desceram do monte após terem recebido a lei, ouviram ao longe gritos que vinham do acampamento. Josué pensava que eram gritos de guerra. Moisés prestou atenção e reconheceu a voz de quem cantava. Poder-se-á ainda chamar música a sons selvagens que se confundem com gritos? Este incidente vem-nos à memória quando as tonalidades dissonantes e bárbaras de certas músicas de hoje vêm ferir os nossos ouvidos. Tais músicas, se porventura se ousa chamar-lhes desta maneira, não têm com certeza qualquer ligação com as harmonias celestes.

As pessoas fatigadas, ansiosas, deprimi-

das, sentem-se agoniadas com uma música brutal ou com demasiado ritmo. Enquanto procuram por meio dela encontrar alívio, ficam entontecidas como alguém que não está habituado ao álcool e que espera recompor-se bebendo vinho para reanimar, ficando assim ainda mais embrutecida e cambaleante.

Pode-se dizer isso de uma música qualquer, de uma música ordinária — que se ouve na igreja ou fora dela — que impede a compreensão das coisas invisíveis. Uma bela música, pelo contrário, ajuda a apreender o inacessível. Esta é outra prova, se tal ainda é séria, que mostra que o homem fez degenerar um dos mais belos dons que Deus concedeu ao homem.

A beleza fere o nosso espírito de diferentes maneiras, pelo canal dos sentidos: a vista, o ouvido, o olfacto, o tacto. Por este meio, Deus tenta comunicar-nos alguma coisa de Si próprio. Impressões análogas nascerão deste contacto directo com Deus que é a oração, quer ela seja falada quer cantada, que se exprima em música ou por meio da meditação.

Quando se ora, falar não chega. É necessário ainda saber escutar — e insistimos neste ponto. Ora 90% das nossas orações consistem em palavras. Deixamos nós a Deus o tempo de nos falar? E admiramo-nos, depois disso, que as nossas orações sejam ineficazes!

É sempre de uma experiência vivida que nascem os cânticos mais patéticos e mais sublimes. Consideremos a experiência de David: um dos mais belos salmos que nos foram legados foi composto quando ele reencontrou a paz com Deus depois de ter descido bem baixo na miséria humana. Repetidas vezes é necessário que o homem caia numa autêntica fossa para pedir com insistência a Deus que o regenere e perdoe. Mas ainda existem aqueles que arrepiam caminho enquanto é tempo:

Jenny Lind, uma beldade de renome chamada o «rouxinol sueco» abandonou uma carreira brilhante na ópera quando se encontrava no auge da sua carreira. «Que querem» dizia, «cada dia que passava, constatava que meditava menos nas coisas da Bíblia; e já nem sequer um pôr-do-sol podia ver. A decisão que tomei foi a única que podia ter tomado».

Tomai ainda o caso de Albert Schweitzer. Titular de um doutorado em teologia e em filosofia que lhe asseguravam uma brilhante carreira como professor; considerado por outro lado como um dos melhores intérpretes da música para órgão de Bach, ele tinha o mundo aos seus pés. Bastava-lhe apenas colher o fruto dos seus trabalhos. Mas sentindo-se chamado por Deus a aliviar o

sofrimento dos menos favorecidos, renunciou a estas vantagens e fez os estudos de medicina para se ir enterrar no emaranhado das selvas africanas. Perdeu ele com a troca? Certamente que não. No decorrer de toda a sua vida, prosseguiu a mesma obra magistral. Quanto à sua música, perpetuada pelo disco, é-nos legada como um testemunho da sua fé e da grandeza da sua alma.

Esperamos que a chuva serôdia seja derramada sobre a igreja. Mas para que o Espírito Santo seja derramado é necessário que o fenómeno de transformação tenha lugar individualmente. Uma organização não pode suscitar um despertar. Apenas os indivíduos o podem fazer. E que impede que este despertar esperado seja caracterizado por uma profusão de boa música?

Numa sinfonia, o ouvido exercitado distinguirá notas de uma intensidade particular, exclamação de alegria ou de dor que brota subitamente sem alterar a harmonia do conjunto. Essas notas, encontramos-las

na vida do dia a dia, são a imagem dos altos e baixos da condição humana. Mas mesmo quando elas exprimem a dor, proporcionam-nos um enriquecimento.

Assim é que há uma infinidade de notas que somos incapazes de apreender, porque falhámos em aprender a escutá-las. Pertencem elas à nossa terra ou às harmonias do invisível, devemos aprender a ouvi-las se queremos ter acesso a uma vida superior. Há miríades de notas de música que populam no ar. Mas nós não temos delas consciência a não ser que as captemos num comprimento de onda particular por meio do nosso aparelho de rádio. O mesmo se passa com as harmonias do invisível. Vai tudo em saber captá-las. É certo que reside aí a dificuldade principal: Não é fácil explicar como se deve proceder. Tudo o que podemos dizer é: «Ponde o ouvido à escuta! Um dia, se tiverdes persistência, abrir-se-á a porta secreta. Então dar-se-vos-á o tom e o vosso instrumento será afinado de maneira a não destoar na harmonia geral...»

Oremos para que recebamos um ouvido atento e um coração bem disposto.

QUINTA-FEIRA

O Homem e a sua Linguagem

Há um certo poder que ressalta de determinadas palavras. Quando os sacerdotes e os fariseus combinaram entre si, apoderaram-se de Jesus, os guardas que haviam enviado para o prender, voltaram de mãos vazias. Quando lhes perguntaram por que não tinham prendido e trazido aquele homem que eles lhes tinham indicado, limitaram-se a responder: «Nunca nenhum homem falou como este homem» (João 7:46). A palavra que sai dos lábios é poderosa quando o comportamento daquele que a pronuncia a confirma.

«É da abundância do coração que a boca fala» disse Jesus — Mateus 12:34. Às vezes pretendemo-nos desculpar dizendo: «Falei sem reflectir». Sem pôr em dúvida a sinceridade daquele que assim se defende, notemos, contudo que as palavras que deixou escapar revelam, a maior parte dos casos, um pensamento ou um sentimento profundo que a pessoa se tem esforçado por afastar do campo da consciência. O Salomista alude a esta qualidade da nossa na-

tureza que, em certos casos se torna duplicidade, como no Salmo 55:21: «A sua boca era mais macia do que a manteiga, mas no seu coração, guerra; as suas palavras eram mais brandas do que o azeite: todavia eram espadas nuas». Se as nossas palavras são enganadoras e se o nosso próprio coração é duplo — será para admirar que aqueles que nos rodeiam nos recusem a sua confiança?

Um velho provérbio grego diz que uma palavra não tem valor desde que não seja confirmada por uma acção. É perigoso, apelar para as emoções, agitar um auditório com palavras propositadamente escolhidas, mantendo-se, porém, inactivo quando se trata de agir.

A palavra é igualmente condenável quando desce a criticar e a apontar as faltas alheias. É mais fácil gritar «não apoiado» do cimo da escada, do que mostrar aquilo que se é capaz de fazer, quando se está no chão. E os que gritam mais alto são geral-

mente os que se recusam a correr o risco de se exporem à crítica.

Eis o que o apóstolo Tiago diz a respeito da língua: «Mas nenhum homem pode domar a língua. É um mal que não se pode reprimir; está cheia de peçonha mortal». (S. Tiago 3:8). No versículo 2, Tiago precisa: «Se alguém não tropeçar em palavra, o tal varão é perfeito e poderoso para também reprimir todo o corpo»; ou por outras palavras: um homem que, pela graça de Deus, atingiu a sua maturidade espiritual; porque, aqui a palavra «perfeito» tem o significado de acabado, de completo, e não o de perfeição que é sinónimo de santidade. Esforcemo-nos, pelo menos, por nos aproximarmos daquele ideal que Goethe tão bem exprimiu no seguinte pensamento: «Devíamos, todos os dias, ouvir algum cântico, ler um belo poema, contemplar um lindo quadro e, se puder ser, pronunciar algumas palavras sensatas».

Uma linguagem correcta

A pureza nas palavras parece-se com um alegre raio de sol que se reflecte nas poças enlameadas das ruas sem participar da sua poluição. Igualmente, a verdade não pode ser alterada por uma ambiência de falsidade; conserva a sua pureza e nem sequer a sua integridade é ameaçada.

O jovem cristão devia compenetrar-se desta imagem e resolver, com plena consciência de si mesmo, recusar-se, daqui para o futuro, a pronunciar palavras falsas ou vulgares. Quando um jovem é puro nas palavras e que isso é um facto, então os outros deixam de pronunciar na presença dele histórias ou anedotas impróprias. Não há nada como um cristão resolvido a honrar o seu Mestre, para depurar a atmosfera de um grupo.

Eliminemos, também, do nosso vocabulário as palavras de calão e os termos grosseiros, que hoje são, infelizmente, tão usados pelos jovens.

Seremos capazes de imaginar Jesus a falar às multidões, empregando termos vulgares ou mesmo calão? O calão é a linguagem própria dos mendigos, dos malfetores; durante muito tempo era só usado por bandidos e aventureiros. E são estas pessoas que pretendemos imitar quando empregamos o calão? Pondo de parte este significado do calão, a verdade é que o seu emprego sugere imediatamente a pobreza de vocabulário, uma grande pobreza de vocabulário, acompanhada de uma enorme preguiça de espírito para se ilustrar. Tudo isto indica uma natureza insensível ao encanto e à nobreza da boa linguagem, o que de-

nuncia, por outras palavras, uma natureza vulgar e baixa.

Uma outra característica do calão é a de ter uma vida bastante curta — o que seria uma boa coisa, se não fosse imediatamente substituído por uma variedade nova do mesmo tipo de linguagem.

Utilizando o calão e termos triviais, criam-se hábitos de linguagem de que será muito difícil, mais tarde, a pessoa poder desembaraçar-se. O único meio de evitar contrair este mau hábito consiste em substituir as palavras vulgares, pelos termos exactos, precisos, correctos e que se podem pronunciar em todos os lugares. E nisto é que está o critério. O indivíduo que no trato particular emprega palavras impróprias e o calão, deixa de as empregar, quando se encontra em boa companhia ou em sociedade. O pior é que tais palavras se vingam, escapando-se-lhe sem que o imprudente dê por isso! E é, então, imediatamente catalogado como pessoa sem educação, a quem faltam as boas maneiras e não torna a ser convidada! É isto que nós desejamos ser? De resto, as palavras impróprias e o calão impedem a pessoa, muitas vezes, de compreender uma linguagem que exprime verdadeiras ideias.

Sejamos discretos

Tanto os pecados reconhecidos como os de omissão encontram uma perfeita ilustração na linguagem. Uma linguagem grosseira não é a única coisa susceptível de modificar ou de corromper a nossa vida moral. Uma verdade dita fora de propósito pode fazer muito mal e chorar penosamente uma pessoa sensível. «Nem toda a verdade se pode dizer» — afirma o provérbio. Não se trata, evidentemente, de fazer a apologia da duplicidade. Mas trata-se de evitar o choque, a ferida que às vezes podem causar um mal irreparável. Infelizmente, certas pessoas não encaram assim as coisas. Para elas «dizer as coisas na cara da pessoa» é uma prova de lealdade e não admittem que aquilo a que elas mesmas chamam «a sua franqueza» se chame, na realidade, grosseria e falta de consideração.

A discreção nas palavras é, sobretudo, recomendada, quando se deseja ardentemente confiar um segredo. Os «segredos» tendem, efectivamente, a não serem, para aqueles que os recebem, senão um meio muito seguro de saciar o despeito ou o ressentimento. E, mesmo na ausência de tais sentimentos, é sabido que um segredo é sempre difícil de guardar. Um antiquíssimo provérbio chinês garante que uma palavra murmurada ao ouvido arrisca-se a ser ouvida a mais de mil e quinhentos quilómetros!

Uma regra muito sábia, para evitar as indiscrições, consiste em falar pouco. É matematicamente impossível evitar dizer disparates, se falarmos muito. O Livro de Job apresenta-nos um incorrigível falador na pessoa de Elihú. Muitos capítulos começam com estas palavras: «Respondeu mais Elihú e disse...» ou «Elihú continuou dizendo...» (Ver capítulos 34, 35 e 36). Efectivamente, Elihú continua, pomposamente, enfiando centenas de palavras para anunciar que vai dizer qualquer coisa; e, finalmente, o que ele acaba por dizer, nem sempre está marcado com o cunho do bom senso.

Uma vez cometida a indiscrição, torna-se praticamente impossível agarrá-la. As palavras pronunciadas espalham-se com uma velocidade extraordinária, porque não faltam intermediários para as espalhar. Assim escreveu Benjamin Franklin: «Quando damos um passo em falso, temos possibilidade de nos equilibrarmos. Mas se a nossa língua deixar escapar uma palavra a mais, então já não temos nenhuma possibilidade de a agarrar». As palavras são penas de um penacho que o vento leva e espalha largamente; uma vez postas a voar nunca mais se apanham. Assim o precisa o seguinte pensamento:

Se quisermos impedir que a nossa língua prevarique

Prestemos atenção a estas quatro coisas: A quem falamos. De quem falamos.

Onde falamos, e como é que falamos.

O profeta Jeremias tropeça contra certos falsos profetas, seus contemporâneos que se espraíavam em discursos palavrosos para procurar ocultar a fraqueza das suas declarações: «Até os profetas se farão como vento, porque a palavra não está com eles; assim lhes sucederá a eles mesmos» (Jeremias 5:13). A expressão é tipicamente bíblica e sumamente expressiva; «... como o vento». Recordamos igualmente a censura de Jesus aos que oram usando vãs repetições (Mateus 6:6).

Tornemos a ler qualquer uma das parábolas: em frases breves, reúne toda uma cena rica de símbolos, escolhidos para impressionar os ouvintes a quem se dirige e a quem pretende dar uma mensagem vital. Fala do Pastor aos que guardam os rebanhos, do Semeador e da boa semente ao lavrador, do Médico aos doentes, do Pão aos que morrem de fome no domínio da fé, da água viva aos que não conhecem o dom de Deus. Este ensino tão simples e tão profundo concretiza os factos espirituais para melhor os pôr ao alcance de todos. Nele se descobre em filigrana, o amor, a pureza, e a admirável beleza do Reino de Deus.

Palavras corteses

Uma concepção falsa, mas bastante espalhada quer que uma pessoa que pratica uma religião, seja, só por esse facto, levada naturalmente a proceder com toda a cortesia. Efectivamente, a cortesia não depende da religião, mas sim dos costumes em vigor, dos hábitos inculcados à criança e, de uma maneira mais geral, da educação recebida. Todos nós conhecemos cristãos sinceros, de uma grande firmeza quanto às suas convicções religiosas mas que, nos seus contactos sociais, quer por actos, quer por palavras, lhes falta a mais elementar civilidade. Talvez porque não tenham sabido aplicar a sua religião em todos os aspectos da sua existência? De facto, uma religião bem compreendida inclina para a afabilidade e para a benevolência. Ora ter atenções para com o próximo é, de facto, uma forma de cortesia, porventura, uma das melhores, porque é ensinada no Evangelho. Mas isso não dispensa aquele que a pratica de conhecer, cada vez mais, algumas noções correntes de civilidade, que tornam mais fáceis os seus contactos com o próximo.

As regras da etiqueta estão sujeitas a variações. Diferem de país para país e mudam com as épocas. Mas há uma regra conhecida por toda a gente e que, ainda está em lugar de honra, embora já seja bastante antiga. Referimo-nos à Regra de Ouro formulada em Mateus 7:12. Jesus identifica-a com a prática do Bem.

As palavras corteses são comparáveis ao ar que enche os pneus dos carros. Não custa um centavo, também não custa nada encher os pneus e isso garante-nos uma viagem confortável. Seria um disparate, de certo, um disparate autêntico, não encher os pneus.

É verdade que há sempre possibilidade de desculpar determinadas pessoas, boas ou importantes, cuja rudeza nos pode chocar. Podemos compará-las a diamantes em bruto. Mas um diamante bem lapidado é muito mais belo e vale muitíssimo mais do que o não lapidado.

«A religião de Jesus Cristo esforça-se por pacificar, por eliminar do carácter as disposições de aspereza e de dureza, atenuando tudo o que é rude ou violento... As palavras amáveis são para a alma o que o orvalho é para as plantas». — (Obreiros Evangélicos, pág. 122).

A falta de tacto e de cortesia, nas palavras ou nos actos, é uma forma particularmente desagradável de egoísmo. Mostra um desprezo total pelos direitos e pela personalidade do próximo e, muitas vezes, não é senão um meio — diga-se em abono

da verdade, bastante deselegante — de procurar impôr-se.

O silêncio é de ouro

Em certos casos bem definidos, o silêncio é muito mais significativo do que uma torrente de palavras. Um silêncio pode exprimir, de maneira muito eloquente, a nossa desaprovação; às vezes, também, a nossa aprovação.

O silêncio é de ouro, quando somos tentados para a má língua, para comunicar — quer seja ou não com intenção de prejudicar — um pormenor deselegante que nos foi confiado.

O silêncio é de ouro quando nos impede de cairmos em baixas lisonjas. De facto, quando lisonjeamos alguém, — sem ser para lhe dar prazer — é certo que procuramos apenas que esse alguém forme bom conceito acerca da nossa pessoa. E bem louco será aquele indivíduo que se deixa levar por tais cumprimentos de lisonjas! Infelizmente ainda há muitos destes tolos que apreciam as lisonjas que se lhes dirigem!

As características principais da linguagem cristã são a sinceridade, a benevolência, a exactidão, a nobreza e a dignidade.

Para terminar, vamos apresentar 10 mandamentos relativos à palavra:

1. — Abstenhamo-nos de deixar falar o ódio.
2. — Evitemos todo o exagero.
3. — Não deixar nunca de cumprir uma promessa, sem que primeiramente tenha havido um entendimento com a pessoa a quem se fez a promessa.
4. — Abstenção completa de dizer mal e de caluniar.
5. — Nunca pôr a circular as bisbilhotices sobre a vida alheia.
6. — Não lisonjear ninguém.
7. — Não mentir, nem mesmo no plano puramente profissional.
8. — Vigiar, sempre, a língua.
9. — Abstenção completa de toda a insinuação e de toda a sugestão hipócrita.
10. — Esforcemo-nos por adquirir e usar, sempre, uma linguagem digna do céu.

Que Devem Ver os Nossos Olhos?

Os vocábulos «ver», «olhar», «contemplar» aparecem, frequentemente, na Bíblia. Mas nem sempre têm o mesmo significado. Pode tratar-se de «dirigir o olhar para...», de uma maneira simplesmente física, e também podem significar «considerar atentamente com os olhos do espírito». Um versículo tirado do apóstolo Paulo vai servir de bom exemplo: «Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que não se vêem; porque as que se vêem são temporais e as que se não vêem são eternas». (II Coríntios 4:18).

Vejamos, agora um pequeno passo do Evangelho de João (João 20:5, 6, 8) onde o verbo «ver» está tomado em três sentidos diferentes:

Pedro e João dirigem-se ao sepulcro. João corre à frente e chega lá primeiro. Vê no chão os lençóis, mas não entra. Basta-lhe um simples relancear de olhos para verificar que o Mestre não está ali. Por enquanto a sua descoberta não vai mais além. Tal descoberta enche-o de perplexidade.

Simão Pedro chega, por sua vez ao sepulcro. Entra. Vê os lençóis no chão e o pano que cobria a cabeça de Jesus. Vê ele da mesma maneira que João?

As nossas traduções empregam, nos dois casos, o verbo «ver». Mas, no original, em grego, encontram-se duas palavras diferentes. João limitou-se a lançar um olhar rápido, viu, quase sem ver, e retira-se, sem saber como interpretar o que viu. Pedro olha, observa. Compreende que o que se passou ali, não é qualquer coisa vulgar. Reflete neste problema e sente-se profundamente perturbado.

João, naquele instante resolve entrar no sepulcro. «E — diz-nos a Bíblia — ele viu e acreditou». Neste passo encontra-se uma

outra palavra grega que sugere que João não vê, apenas, com os olhos da carne, mas que apreendeu o significado daqueles lençóis caídos no chão, estando, portanto, a caminho de compreender que Jesus tinha ressuscitado.

Há, pois, toda uma gama de maneiras de ver, que vai desde o simples relancear de olhos, superficial, até à compreensão em profundidade. A maneira de ver tem tanta importância como aquilo que se vê. A pessoa que se contenta com o lançar um simples olhar rápido sobre as coisas e as pessoas, enche o espírito de noções superficiais e sem interesse. Abastardam-se as suas faculdades de análise e de juízo, e tal pessoa torna-se inapta para resolver questões importantes. Pelo contrário, na contemplação o espírito procura descobrir o sentido profundo das coisas e fica marcado, por aquilo que vê, ou para o bem ou para o mal.

O cinema e a moralidade

Com um instrumento tão poderoso para o bem assim como para o mal, praticamente, impõe-se um sério controle, no que diz respeito às crianças, como é evidente, mas também no que respeita aos adultos. Não apresenta o adultério como um pecado, mas como uma fatalidade romanesca à qual a pessoa não pode escapar. O divórcio aparece mais frequentemente do que o casamento. Quem disser que tais espetáculos não influem em nada na nossa maneira de pensar, engana-se redondamente.

Outro exemplo desta lição insidiosa que tem o mal de se infiltrar nos nossos lares é a seguinte: a atitude geral a respeito da moralidade feminina. A verdadeira jovem, a donzela inocente, de expressão cândida, é considerada como uma velharia do passado. Foi substituída por criaturas sofisticadas, desenvoltas e picantes que se riem dos velhos modelos da moralidade e da decência. No começo deste século, teria sido considerado como coisa imprópria e inconveniente o espectáculo de mulheres a beber em público, a fumar e a mostrar os membros inferiores. Hoje, este comportamento é apresentado como socialmente desejável para quem quer «viver de acordo com o seu tempo».

Esta moral relaxada nos *écrans* é sintomática de um mal mais profundo e mais alarmante. Esse género de imagens é apresentado ao público porque este o quer. Os grandes produtores gastam milhões para saber os gostos e preferências do público e seguem, depois, no sentido da procura. Simples questão de lucro!

Mencionemos um terceiro ponto: o efeito dos filmes de horror e dos morticínios em série no delicado sistema nervoso das crianças. Os jovens vivem as cenas, cujas peripécias seguem no visor, e reagem violentamente.

Como é que lhes poderemos inculcar o princípio de que a vida é uma coisa sagrada, quando assistiram a cenas degradantes, projectadas no *écran*?

Talvez se diga, como objecção, que os adultos não tomam aquelas situações a sério; e que, por outro lado, para escaparem às tensões e às realidades enganadoras da vida quotidiana, têm necessidade de uma evasão e de uma desconstracção. Não negamos isso. Mas não poderá porventura, o cristão, compensar as suas frustrações com distracções mais sãs, como por exemplo, a arte ou a literatura? O seu papel não consiste em evadir-se da vida, mas sim a de a agarrar às mãos cheias para lhe fazer render o máximo para a glória de Deus. O ponto de vista é muito diferente!

O essencial consiste em manter uma vida espiritual fervorosa. Se assim fôr, facilmente, sem esforço, afastaremos tudo o que fôr baixo e sórdido.

A página impressa

Basta determo-nos, alguns momentos diante de uma loja de jornais para com-

preender o perigo que certas revistas e publicações representam. Tudo, em tais publicações, está calculado para excitar a curiosidade e as emoções perturbadoras. Apenas se trata de paixão e de sensualidade, exactamente o que é necessário para inflamar a imaginação dos jovens já por si levada a pesquisar estes problemas. Quanto aos livrinhos que as leis sobre a decência proíbem a exposição, no primeiro plano — basta olhar-lhes para as capas, muitas vezes obscenas, para concluirmos o que será o seu conteúdo! Livros deste género não passam de iniciação à devassidão. Poderá dizer-se que tais livros pintam uma certa realidade? Nem isso! O seu conteúdo é uma acumulação de situações vergonhosas que uma paixão incandescente reveste com uma falsa e venenosa atracção.

Não somos contra um certo realismo nas questões de ordem sexual. A franqueza com a qual se aborda hoje este assunto vale infinitamente mais do que a máscara hipócrita que nos era imposta outrora por antigos tabús. Mas, o que aqui condenamos, é o sexo pelo sexo, por outras palavras a sexualidade desenfreada.

Esta má literatura — o adjetivo aplica-se também ao valor literário destas obras e à sua deplorável influência — não contribui, decerto, para desenvolver a inteligência. A pessoa que se serve de tal literatura para alimento habitual, bem depressa se torna incapaz de se interessar por um estudo sério e arrisca-se a permanecer toda a sua vida com uma mentalidade infantil e bastante limitada.

Pecados respeitáveis

O verniz de respeitabilidade que certas obras literárias ou cinematográficas adquiriram, impede-nos, muitas vezes de nelas descobrirmos o pecado sob o seu verdadeiro aspecto. Apresentado com arte num ambiente adulterado, o mal não é exposto como tal; aparece como desculpável, convidando a imitá-lo.

O cristão tem de aprender a fazer uma discriminação.

Encontrar o verdadeiro sentido da vida

A nossa insistência sobre estes aspectos negativos pode levar alguém a perguntar por que é que a Igreja põe tanta obstinação em privar a sua juventude das «alegrias da

existência» como é costume chamar-lhes! Respondemos que a nossa experiência tem-nos demonstrado largamente que as coisas raramente são aquilo que parecem. Queremos, portanto, poupar às gerações novas as experiências pungentes que tiveram os mais velhos. Queríamos também, encaminhá-los para alegrias mais autênticas e infinitamente mais rendosas, alegrias que se renovam, sem enfado, alegrias que dão a toda a existência um sabor extraordinário.

É que nós somos favoráveis ao prazer, salvo quando ele se torna um fim em si. O sexo é algo de magnífico; a luxúria, pelo contrário, é ignóbil. A liberdade é o bem supremo, mas desde que degenera em licenciosidade, acaba por nos destruir. Como é possível que o homem se prenda a coisas que só dão nas vistas, quando na realidade existem, no mundo, tantas coisas belas, sãs, verdadeiramente excitantes e extraordinariamente estimulantes?

Pensemos em tudo o que hoje a contemplação da Natureza nos pode oferecer. Job, que só podia contemplar a olho nú, admirava-se das coisas grandiosas e insondáveis que Deus fez: As Ursas, a Orion, as Pléiades... Que diria Job se tivesse contemplado o céu estrelado através dos grandes telescópios electrónicos dos nossos dias? Um prodigioso aumento de volume das estrelas ocultar-lhe-ia as constelações; as estrelas parecem tão numerosas, vistas através da objectiva do telescópio, que parece que se tocam umas nas outras. É impossível contá-las. O céu está verdadeiramente semeado de milhares e milhares de estrelas, em profundezas incalculáveis! O brilho de certas estrelas, só conhecidas por telescópios muito poderosos, leva mais de um milhão de anos a chegar até nós.

Na outra extremidade da escala das grandezas, Job travaria conhecimento com coisas tão ínfimas que ninguém é capaz de as ver.

Os progressos da ciência põem-nos, debaixo dos olhos, indizíveis maravilhas, cuja realidade ninguém podia suspeitar há trinta ou quarenta anos atrás.

Mas ainda há alguma coisa, muito mais extraordinária e muito mais maravilhosa digna de ser contemplada. Só pode, porém, ser contemplada por aqueles que possuem os olhos da fé, que lhes permite olhar para lá das realidades presentes. É então que as belezas que observamos, ainda na Terra, apresentam todo o seu significado.

Mas seremos nós capazes de apreciar, ainda, estas belezas? Apanhados no meio de uma actividade devoradora, vivemos sob pressão, desde o princípio até ao fim do ano. Este ritmo trepidante droga-nos a ponto de sermos incapazes de levar uma vida normal cortada por distrações sãs. Necessitamos, continuamente, de novas excitações que se harmonizem com a nossa tensão nervosa. Hoje, a juventude quer a velocidade e o barulho da música *pop* assim como a droga e tudo o que embriaga, tudo o que faz esquecer momentaneamente um profundo desarranjo interior. Mas o remédio é pior que o mal. A angústia continua incurável, porque há falsas alegrias, que assentam em falsos valores.

O único meio para atingir o contentamento interior, a alegria, consiste em abrir os olhos e compreender que tais prazeres sofisticados não passam de vento, e que nos impedem de saborear as alegrias simples e magníficas que Deus colocou no nosso caminho. Aprendamos a descobrir a beleza, onde realmente se encontra. E vamos repetir com o apóstolo Paulo: «Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor — nisso pensai». (Filipenses 4:8).

Escolher Jesus:

A Verdadeira e única Solução

Durante cerca de três anos, viveram os discípulos em contacto íntimo com Jesus. Eram eles, de certo modo a sua «verdadeira» família, família itinerante é certo. Era, porém, Jesus para eles um mestre como qualquer outro dos mestres? Ou já teriam eles pressentido no seu Mestre o mistério divino?

Contemplavam, evidentemente, os seus milagres. É natural que até o mais céptico dos espíritos se sentisse impressionado com esses milagres. Não era decerto um taumaturgo vulgar quem bastava dizer a uma jovem morta, no caixão: «Levanta-te!» para que a defunta abrisse os olhos e o sangue lhe afluísse ao rosto! E, depois, toda aquela corte de miraculados se erguia à sua passagem: cegos, leprosos, impotentes, endemoninhados, coxos... A maior parte — os que tinham fé — partiam, depois, curados e felizes, como se tivessem tomado qualquer elixir misterioso.

Ouviam, também os seus discursos. Nunca nenhum pregador itinerante havia oferecido um ensino evangélico, naquele tom. Pouco depois do Sermão da Montanha exposto segundo o seu modelo tradicional, Jesus, mudando de estilo, começou a falar servindo-se de parábolas. Os povos orientais estão habituados a que se lhes fale por meio de ilustrações. Mas as narrações dos contistas estão mais que peneiradas e muitas vezes tornam-se insípidas e aborrecidas. Jesus renovava o género narrativo. De

resto, a parábola já aparece em germe no Sermão da Montanha. Recordemos o célebre passo: «Vós sois o sal da terra; e se o sal fôr insípido, com que se há de salgar?» (Mateus 5:13).

Em vez de adicionar pormenores a uma ideia pobre, Jesus construía uma pequena narração tirada de acontecimentos familiares. Todos podiam — verificando-os na sua vida quotidiana — meditar sobre o ensino que deles derivava: a semente que as aves disputam mal cai no sulco da terra e que fica perdido para a ceifa; a espiga que seca porque não encontrou para se alimentar senão um terreno duro e pedregoso, árido como o coração de muitos homens...

Não, verdadeiramente, «nenhum outro homem falou como este homem».

Os discípulos tinham consciência disto mesmo. Por isso, quando Jesus lhes pergunta: «Quem dizem os homens ser o Filho do homem?» respondem que em geral o povo o toma por um profeta, um João Baptista, um Elias, em poucas palavras, um ser excepcional. Jesus, então, obriga-os a procurar a verdade por eles mesmos, força-os nos seus últimos redutos: «E vós, quem dizeis que eu sou?» Simão Pedro com a sua impetuosidade habitual, grita a verdade deslumbrante que eles, confusamente, pressentiam e que, porventura só esperavam aquele momento para brilhar em pleno dia: «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo». — «Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas,

porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus». (Mateus 16:15-17).

A ardente afirmação de Pedro dava a Jesus, seu companheiro de todos os dias, a sua dimensão eterna e divina. Era ver n'Ele, Aquele que o Baptista anunciara e que baptizaria com o Espírito Santo e com fogo.

Esplendor da luz

A Bíblia utiliza imagens cuja grandeza nos escapa, porque o texto que as apresenta se nos tornou demasiado familiar. Quando Jesus dizia: «Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andaré em trevas, mas terá a luz da vida» (João 8:13), o símbolo era tão claro que ninguém podia deixar de o compreender. A «luz» era um dos termos que, na Sagrada Escritura designam o Messias. Uma profecia de Isaías confirma-o, plenamente — Isaías 60:1.

Se quisermos colocar a imagem no seu contexto bíblico, vê-se, imediatamente que esta «luz» que Jesus traz com a sua presença, nada tem que ver com uma lanterna meio apagada ou com a chama incerta das lâmpadas de azeite que então se usavam. Trata-se, pelo contrário, de uma luz brilhante e refulgente, de algo mais miraculoso, do que o ardente raio solar ao meio-dia que, nos lindos dias de verão, faz vibrar a atmosfera e cantar as cores. O nosso sol não deixa de realizar bastantes milagres, — o sol «sem o qual as coisas não seriam o que são...» como muito bem diz Edmond Rostand.

É possível que esta imagem nos faça compreender, embora de maneira muito incompleta, os efeitos deslumbrantes, prodigiosos, que podemos esperar da presença do Espírito de Deus na vida de um homem. Mas, por quê falamos, agora, do Espírito, quando, afinal de contas, a questão era sobre Jesus, a Luz do mundo?

Se quiserem, vamos efectuar um jogo apaixonante que consiste em sublinhar um passo escriturístico, seguidamente, procurar outro e tantos outros que se vão explicando e completando, até tudo ficar devidamente esclarecido.

Vamos principiar.

Nos dias que precederam a sua prisão, Jesus advertia os Discípulos: «E agora vou para Aquele que me enviou...» (João 16:5). Palavras estas, claras mas que deixam perceber, claramente, a separação do bem-ama-

do Mestre. Os discípulos ficaram aterrados. Que seria deles sem Aquele que lhes tinha aberto caminhos novos na vida? Jesus vindo a tristeza deles, conforta-os: «...Digo-vos a verdade, que vos convém que Eu vá; porque se Eu não fôr, o Consolador não virá a vós; mas se Eu fôr, enviar-vô-Lo-ei». (João 16:7).

Que é que os discípulos terão compreendido? Decerto que a inteligência deles se havia desenvolvido, em contacto com o Mestre, mas as verdades espirituais não eram o forte deles! Debalde Jesus lhes anunciara que o Consolador não era outro senão o «Espírito de verdade que vem do Pai» (João 15:26) pois eram incapazes de perceber em que consistia aquele dom raro e precioso.

Chegaram os dias sombrios da prisão, dos maus tratos, a abominação da crucifixão, no Gólgota... O mundo em que os discípulos tinham acreditado estava prestes a desabar. Ficaram, portanto, desorientados, perplexos, como homens a quem se tiram as principais razões para viver.

A certeza de que Jesus havia ressuscitado veio acalmar um pouco a desorientação dos discípulos, embora o futuro continuasse a parecer-lhes fechado e sem esperança. Foi por isso que, na sua última aparição aos apóstolos no Monte das Oliveiras, Jesus reafirma a sua promessa, precisando-a. Aqueles homens, sinceros e dedicados, que perguntam se é agora que o seu Mestre vai ocupar o trono de Israel, Jesus, pacientemente explica, que um poder, o Espírito Santo, os há-de encher de inteligência, de força e de zelo para anunciarem ao mundo inteiro a boa nova da vinda do Reino de Deus. (Actos 1:4-8).

A luz irradiante do Espírito não espera senão um pequeno «sim» da nossa parte para iluminar a nossa vida. Todos, então, na nossa esfera particular, seremos testemunhas de Jesus: médicos, músicos, funcionários, artífices, chefes de empresas, estudantes — todas as profissões —, todos mostraremos pelo nosso comportamento que a nossa fé é a mais exaltante de todas, porque cintila de luzes, pois é iluminada por uma inteligência supra-terrena, de que nenhuma pseudo-religião possui qualquer equivalente.

O fogo que consome

Se o Espírito se contentasse com inundar-nos de luz, podíamos correr o risco, com toda a nossa vaidade de sossobrar na

esterilidade, no domínio espiritual. Quando Jesus afirma que «o Espírito nos guiará em toda a verdade» — João 16:13, isso significa, portanto, uma outra coisa muito diferente do que a acumulação de conhecimentos.

Na realidade, o que o Espírito procura produzir em nós, é uma regeneração. Mas temos de principiar, por oferecer um lugar ao Espírito Santo.

Muitas cidades da Europa conservam, ciosamente, por amor da arte ou da História, os seus antigos bairros e, especialmente, algumas velhas casas que datam da Idade Média. Exteriormente, estas vastas residências têm um cunho especial. Mas os seus corredores escuros, as suas negras escadarias gastas indicam um elevado grau de velhice. Tais casas, já de si pouco salubres, por causa da sua velhice, são, geralmente o último refúgio de famílias muito pobres que ali habitam na impossibilidade de poderem pagar uma renda mais elevada. Todos estes elementos reunidos fazem com que os interiores, melhor ou pior conservados sejam, muitas vezes, invadidos por percevejos e baratas. Desalojar estes intrusos não é coisa muito fácil, porque, invisíveis, de dia, escondem-se nas fendas mais profundas das paredes e no parque ou jardim. Há uns trinta anos, ainda não tinham aparecido os pesticidas. Por isso o único recurso para fazer desaparecer aquela bicharada era queimar os móveis susceptíveis de esconder colónias daqueles insectos, e vaporizar desinfectante em todas as fendas e rachas das paredes e dos sobrados. Era, sem dúvida, um meio enérgico, mas era radical.

É um pouco parecido com o que se passa quando o Espírito procura habitar em nós. Queima os detritos, as impurezas, os velhos móveis invadidos pelos insectos, para depois pôr tudo de novo.

Esse milagre de uma vida transformada sob a influência do Espírito Santo é um mistério inexplicável, mas é atestado por milhões de pessoas. O que vem de Deus não se analisa, tal como não podemos analisar o próprio Deus. Contentemo-nos com registar o facto.

O nosso século repleto de ciência exacta, aspira a medir, a pesar todas as coisas. Mas poder-se-á medir a fé? Poder-se-ão isolar e pesar os diversos componentes da alegria cristã? Será possível colocar o amor e a lealdade num dos pratos de uma balança e calcular-lhes o peso e o justo valor? Também não se podem pesar os impulsos que decidem um homem que encontrou Deus a levar, daí por diante, uma vida mais nobre e mais pura. O próprio Jesus,

dando a Nicodemos indicações precisas sobre o novo nascimento, renunciou a explicar a marcha do Espírito Santo numa alma. Contentou-se em mostrar os efeitos da sua presença na vida de um homem.

A purificação das nossas ideias e das nossas aspirações é uma operação que não se pode fazer sem o nosso consentimento. É muitas vezes dolorosa. Há sofrimentos a passar nesta obra. Toda a intervenção que tem como resultado podar, mandar, enxertar, exige paciência e disciplina. Um gesto inconsiderado pode comprometer tudo. Num processo deste género, há a teoria e a prática. A prática é muitas vezes desajeitada no princípio, mas com o exercício e a aplicação, os progressos tornaram-se constantes e depressa se chega a resultados honrosos.

A chama que aquece

No domingo da Ressurreição, dois homens seguiam, muito tristes para a aldeia de Emaús, situada a uns doze quilómetros de Jerusalém. Dois homens obscuros, membros da recente Igreja que o fervor tinha reunido em torno do Mestre. Seguindo ao longo dos vinhedos e dos olivais conversavam sobre os últimos acontecimentos.

Enquanto falavam, Jesus em pessoa, aproximou-se deles e seguiram todos três. Tendo-se informado do motivo por que iam tão tristes, responderam: «Só tu é que não sabes o que se passou em Jerusalém, nos últimos dias?» E explicaram, em pormenor, o horrível drama da Paixão, a perturbação de todos, as suas esperanças desvanecidas e o seu profundo desgosto...

Então Jesus disse-lhes: «Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória?» E começando por Moisés, e percorrendo todos os profetas, interpretou-os, explicando-lhes as Escrituras, naquilo que Lhe dizia respeito.

Quando chegaram à entrada da aldeia, Jesus fez menção de prosseguir a viagem. Eles, porém, solicitaram-n'O a ficar dizendo: «Fica connosco porque já é tarde e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles.» Sentando-se os três à mesa, Jesus tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e deu-o aos dois discípulos. No mesmo instante abriram-se-lhe os olhos e reconheceram-n'O... mas tornando-se invisível, desapareceu-lhes.

Então disseram um ao outro: «Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho nos falava e quando nos abria as Escrituras?» — Lucas 24:13-32.

Não é esse calor no coração o sinal da Presença de Jesus?

Era ela que inflamava de zelo o coração dos primeiros cristãos a tal ponto que deixava perplexos os Romanos. Pois quê! Aquela gente (os Cristãos) estavam prontos a aceitar todos os sacrifícios por fidelidade a um criminoso que tinha sido crucificado? Esses mesmos Romanos iam até ao ponto de acusar os Cristãos afirmando que cometiam coisas abomináveis nas suas reuniões secretas. Estas mentiras provinham, porventura da incapacidade de perceberem um mistério que os ultrapassava.

Era essa chama ardente nos seus corações que impeliu os discípulos a regressar, imediatamente, a Jerusalém, logo depois da Ascensão, e a trabalharem, ali, na alegria e não num abatimento desculpável naqueles que acabavam de perder o seu Guia, o seu melhor Amigo. Irradiando coragem e fé, eles percorreram as terras e os mares para pregar a palavra evangélica, estranha mensagem que, em si mesma, parecia conter um poder explosivo.

E quando o apóstolo Paulo pregava a ressurreição, tema central do seu ensino, era com o coração aceso de fervor, porque tinha recebido a prova de que Jesus Cristo estava bem vivo. Quando entrou em contacto com os outros Apóstolos, os quais haviam tido o privilégio de conhecer Jesus, pessoalmente, Paulo afirmou bem alto o seu direito a ser considerado apóstolo, tal como eles. Não tinha ele encontrado Jesus no caminho de Damasco?

Em todo o Cristão sincero devia arder essa chama capaz de irradiar a presença de Jesus. Um certo Pastor tinha adquirido o hábito de fazer os seus sermões muito áridos e secos. Um dia, quando subiu à tribuna encontrou bem visível um papel ali colocado e assinado por um dos diáconos em que se lia o seguinte: «Ah! se nós pudessemos ver a Jesus!» O Pastor reflectiu, meditou e daí por diante os seus cultos revestiram-se de um tom essencialmente evangélico. Passados alguns tempos, apareceu outro bilhete na tribuna que dizia: «Os discípulos encheram-se de alegria vendo o Senhor».

A convicção de que Jesus está vivo pode mudar numa experiência radiosa uma vida de fria razão e de indiferença a respeito da religião. Muitas vezes, considera-se a religião como uma ética, na qual Deus se contenta em desempenhar o papel de conselheiro ou de legislador. Nesta óptica, Je-

sus aparece, apenas, como um homem, de certo bastante excepcional, mas só um homem; e a oração torna-se um simples meio de elevação moral.

A fé viva é outra coisa totalmente diferente. Não é a simples aceitação de um código moral, nem um esforço para adquirir virtudes, como quando o pedreiro coloca um tijolo sobre outro e fica todo contente quando vê a parede a subir. A fé que vivifica e que aquece o coração é mais parecida com uma transfusão de sangue. A pessoa que dela beneficia é salva da morte e a sua vida assenta agora em bases novas.

Que significa ser cristão?

Um cristão não é só um homem que acredita que Deus existe. Nem é aquele que já leu a Bíblia oito ou dez vezes de uma ponta a outra. Nem é qualquer pessoa que tem o nome inscrito no registo de uma igreja. É essencialmente alguém que se deu inteira e definitivamente a Deus e que, por este facto, se encontra colocado perante toda uma série de opções novas, às quais tem de dar resposta adequada. A quem é que eu devo obedecer em primeiro lugar? A quem devo dedicar toda a minha adoração? Como tenho de proceder para cumprir a vontade d'Aquele a Quem entreguei todo o meu ser? Como é que posso estar certo de que entreguei nas Suas mãos tudo o que sou e tudo o que tenho?

Um guerreiro recentemente convertido ao cristianismo ia receber o baptismo. Mas, no momento em que ia a ser submergido na água, procurou ficar com o braço direito fora da água, Protestos do pastor! Para que o sacramento fosse válido era necessário que todo o corpo fosse sepultado! O soldado contestou: tinha de deixar o braço de fora, porque tinha de se servir dele para massacrar o inimigo!

Entregar-se a pessoa a Deus, total, abolutamente, viver sempre em função de Deus é uma experiência extraordinária e magnífica. Mas uma experiência incomunicável como tudo o que é íntimo e pessoal. Contudo, a transformação que dela resulta, é tão notável que é perfeitamente visível no exterior e isso pode favorecer, noutras pessoas, o despertar dessas mesmas pessoas para a fé. O verdadeiro cristão, pela sua vida consagrada, é uma pregação viva.

Quando a cega Helena Keller era criança, vivia num mundo fechado de obscuridade e de silêncio, horrível prisão da qual ela

não pensava que poderia sair. Tinha apenas sete anos quando foi confiada aos cuidados de uma jovem professora encantadora e dedicada que tinha feito um longo estágio numa escola de cegos surdos-mudos. Sob a sua orientação afectuosa, a jovem Helena saiu finalmente do seu túnel onde vivia encerrada. O mesmo acontece quando o Espírito Santo toma posse de um coração: dá à existência uma dimensão nova — tudo se torna menos sombrio, menos estreito, maior, mais elevado. E uma alegria maravilhosa instala-se no coração, a despeito de se ter pensado que isso não seria possível.

Multiplicando os esforços para tocar o coração e o espírito dos homens, Deus escolheu um povo ao qual deu as suas directrizes por intermédio dos profetas. O conjunto destas instruções foi devidamente registado num Livro, a Bíblia. Não restavam, aparentemente, senão duas coisas para o homem fazer a fim de alcançar a salvação: ler e compreender. Mas os homens recusaram-se a ouvir a voz de Deus e crucificaram Aquele que lhes trazia a Vida. Mas o milagre subsiste, pois o Crucificado continua a atrair os homens para Si.

Norman Peele conta a história de um Escocês bastante idoso que se aproximava do fim e sentia grande angústia. O seu pastor sugeriu-lhe que pusesse uma poltrona ao lado da cama e que imaginasse que Jesus estava ali sentado entretenendo-se com ele com toda a intimidade. O velho seguiu o conselho e sentia-se bem. Alguns dias mais tarde, a filha encontrou-o morto no leito. O seu rosto exprimia na morte uma serenidade perfeita. Mas a filha ficou intrigada com o que poderia significar o último gesto do moribundo: o braço fora do leito e a mão repousando estendida no braço da poltrona. O pastor tranquilizou-a. Para ele o gesto não tinha nada de misterioso: bem sabia o que traduzia.

Desejarmos encontrar Jesus é uma coisa extremamente séria, porque isso implica uma adesão de todo o nosso ser. «Quando Herodes viu Jesus, teve grande alegria, porque já de há muito tempo O desejava ver...» — Lucas 23:8. Interesse apenas superficial, nascido de uma curiosidade muito viva acerca do Nazareno de quem ouvira falar muito e que esperava que lhe fizesse algum milagre. Mas nunca Herodes procurou ver em Jesus o Cristo, e muito menos o «seu» Salvador. Também há assim muita gente que é «atraída» para Jesus, mas que faz marcha-atrás logo que o desejo de ver Jesus e de O conhecer melhor, implica sacrifícios.

Não é, de facto, perturbador, o facto de

não podermos estar diante de Jesus sem que Ele nos proponha, imediatamente, um dever a cumprir, um trabalho a realizar ou a reparação dum erro que cometemos? É um verdadeiro desafio que é lançado por Jesus a todos que O querem seguir. Mas, aceitando este desafio, ganhamos a paz do coração e do espírito.

Se todos os seres humanos se conformassem com os ensinamentos de Jesus, o Mundo, este pobre Mundo tão desfigurado como está, transformar-se-ia, tornando-se numa residência extremamente agradável. Mas, para isso, seria necessário que uma bomba lançada com toda a precisão e no devido lugar viesse aniquilar em nós toda esta insuportável tendência para a satisfação do eu. Aceitar Jesus significa, geralmente, uma alteração quase total dos ideais e dos valores. Imaginemos a revolução que isso produziria: os mentores tornando-se os mais ardentes defensores da verdade; a confiança a reinar onde até então só havia hipocrisia e duplicidade; a aprovação aberta e leal a substituir as críticas invejosas e as demolições sistemáticas; uma alegria radiosa e sem pensamento reservado instalando-se nos corações até então roídos de cobiça, de rancores e de medo! Um verdadeiro mundo de sonho, sim! Mas este sonho pode tornar-se uma realidade na nossa vida, desde que nos entreguemos totalmente a Jesus.

Apelo

Jovens, não deveis assemelhar a religião do Salvador a uma simples crença. A religião de Jesus é um compromisso, um dom total do nosso ser. O que se dá assim, nada perde; pelo contrário, ganha na realidade, e o que recebe em troca daquilo que deu excede tudo o que a imaginação pode conceber. Porque Deus é maravilhosamente rico e poderoso. E os seus dons são para aqueles que O amam. Por «dons» entendemos também tanto as bênçãos materiais como as espirituais, — um objecto desejado, ou o vestuário que os nossos meios não nos permitem comprar, mas que nos chega, inexplicavelmente, por uma via indirecta, como se alguém sabendo das nossas necessidades, nos tivesse enviado essas coisas! Esse Alguém existe na verdade! Também nos prodigaliza essas flores maravilhosas que crescem no jardim daquele que abriu a porta do seu coração ao Senhor: a fé, o fervor, o entusiasmo, o zelo pelo serviço, a alegria, a felicidade de amar a Deus e de sentir que Ele nos ama, a satisfação de es-

tar em paz consigo mesmo e com o próximo. Na hora da angústia e da perplexidade, sente-se uma maravilhosa calma por sabermos que podemos esperar tudo de Deus: a protecção, a força e inumeráveis bênçãos.

Vós, os seres fogosos, os Simões-Pedros impetuosos e ferventes — vós que quereis a todo o custo engrenar na vida com paixão, desafiando o perigo — voltai-vos, pois, para o Reino de Deus! A Bíblia declara-o solenemente: «... apoderam-se pela violência do reino de Deus» — Mateus 11:12.

Vós, os calmos, os sonhadores, que encontras a vossa alegria a ouvir, — sentai-

-vos como Maria, aos pés de Jesus, e meditaí a Sua Palavra. Jesus garante-nos que é «a melhor parte» a que mais nos aproxima do Mestre — Lucas 10:42.

Todos vós, finalmente, flor e promessa das nossas igrejas, vós, sobre quem os vossos irmãos mais velhos estão contando para continuardes o trabalho, erguei-vos como um só homem, orgulhosos por vos alistardes sob a bandeira de Jesus, orgulhosos por irdes combater o mal em todas as frentes, firmemente decididos a fazê-lo recuar. Pertencer a Jesus é dominar o mundo. Que Deus vos conceda esta graça.